

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - BACHARELADO**

MARIA EDUARDA RITTER CODINOTTI

**DESCENDO AO ABISMO: A *DESCIDA DE INANA AO MUNDO DOS MORTOS* A
PARTIR DA MITOLOGIA DA MORTE E DO LUTO NA ANTIGA SUMÉRIA**

SANTA MARIA, RS

2024

Maria Eduarda Ritter Codinotti

**DESCENDO AO ABISMO: “A DESCIDA DE INANA AO MUNDO DOS MORTOS” A
PARTIR DA MITOLOGIA DA MORTE E DO LUTO NA ANTIGA SUMÉRIA**

Trabalho de Conclusão ao Curso em
História Bacharelado, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como
requisito parcial para a obtenção do título
de **Bacharel em História**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Semíramis Corsi Silva

SANTA MARIA, RS

2024

**DESCENDO AO ABISMO: “A DESCIDA DE INANA AO MUNDO DOS MORTOS” A
PARTIR DA MITOLOGIA DA MORTE E DO LUTO NA ANTIGA SUMÉRIA**

Trabalho de Conclusão ao Curso em
História Bacharelado, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como
requisito parcial para a obtenção do título
de **Bacharel em História**

Aprovado em 13 de 06 de 2024

Semíramis Corsi Silva, Dra. (UFSM)
Presidenta/Orientadora

Katia Maria Paim Pozzer, Profa. Dra. (UFRGS)

Henrique Hamester Pause, Prof. Me. (UFSM)

Nikelen Acosta Witter, Profa. Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS

2024

Para aqueles que amamos que já se foram

AGRADECIMENTOS

Do que você tem mais medo? Uma vez me fizeram essa pergunta, respondi que o que me causava mais agonia era a morte. Entretanto, minha resposta não se referia à minha própria partida deste mundo, mas sim às das pessoas que eu amo. Porque quanto mais se passa ao lado dessas pessoas, maior é a falta que sentimos quando elas se vão. Sendo assim, eu não posso deixar de dedicar um espaço nessa monografia para aqueles que amo de todo o coração.

Aos meus pais, Luiz Fernando Codinotti e Vera Lúcia Codinotti, que jamais deixaram de segurar minha mão. Sei que minha vinda para Santa Maria não foi fácil para nenhum de nós, mas, a cada dia que passa e um novo desafio aparece, eu dou o meu melhor para atravessar qualquer obstáculo.

Às minhas avós Sueli de Andrade Codinotti e Maria Inês Ritter, pelas boas memórias na infância, pelas histórias e pelos quitutes.

Aos meus avôs, Wilson Motta Codinotti e Ernesto Ritter, que contavam o caso do bebeléu, da caipora e do velho armeiro que virava lobisomem. Sinto falta de vocês.

À minha madrinha, Sandra Maria Codinotti, pelos passeios ao redor da quadra, pelo carinho, pelas brincadeiras no pátio da vó Sueli.

À Laura de Oliveira, por me mostrar a delicadeza e leveza da vida, por ser minha companheira na escola. Sempre foi tão bom poder cantar, mesmo sem saber a letra, *Splash Free!* com você.

A Vítor Trajano Bernhardt, meu parceiro de *ranked*, *masterchef*, de piadas duvidosas e de alma. Você me mostrou o que é amizade de verdade, me deu a mão quando eu já não conseguia mais me levantar sozinha, você nunca desistiu de mim. Às vezes penso que tu acreditas mais em mim do que eu mesma. Obrigado por ver quem eu sou de verdade.

Aos amigos que Santa Maria me presenteou, à Maria Eduarda, ou Ada, como tu preferes, minha xará. Provavelmente a pessoa mais dedicada que eu já conheci, você ama o que faz, é lindo. À Manuela, rir com você é tão bom, obrigado pelas jantinhas na tua casa, onde eu sempre fui recebida com muito carinho. À Shenon, nossa amizade começou de forma tão espontânea, fico feliz que tenha acontecido assim. Comer *cupnoodles*, ao teu lado, apesar de nada saudável, é reconfortante. A Otávio, aquele que mais tem paciência comigo, especialmente quando

estamos jogando juntos. Obrigado pelas boas memórias e carinho. Minha vida é mais bonita quando estou ao lado de vocês.

Ao Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo e Mediterrâneo (GEMAM) e à minha orientadora, Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva, que possibilitou que essa monografia fosse realizada.

Ao Laboratório de Estudos da Antiguidade Oriental (LEAO), coordenado pela Profa. Dra. Katia Maria Paim Pozzer, que me receberam de braços abertos.

À Profa. Dra. Nikelen Witter, obrigado pelos chazinhos no intervalo das aulas, pelas caronas até a Rio Branco e pelo carinho imenso que você sempre me deu.

Agradeço profundamente à banca, Profa. Dra. Katia Maria Paim Pozzer e Prof. Mes. Prof. Me. Henrique Hamester Pause, pela leitura.

A presença de todos vocês em minha vida foi imprescindível para que eu pudesse permanecer na pesquisa e apresentar hoje a monografia.

Agora, que sono te pegou a ti?

Ficas calado e não ouves a mim?

(Sin-léqui-unnínni, *Ele que o abismo viu:*

Epopéia de Gilgameš)

RESUMO

DESCENDO AO ABISMO: “A DESCIDA DE INANA AO MUNDO DOS MORTOS” A PARTIR DA MITOLOGIA DA MORTE E DO LUTO NA ANTIGA SUMÉRIA

AUTORA: Maria Eduarda Ritter Codinotti

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a. Semíramis Corsi Silva

Esta monografia tem por objetivo analisar o mito sumério *A Descida de Inana ao Mundo dos Mortos*, no poema produzido durante II milênio a.E.C., de autoria desconhecida, traduzida pela autora a partir da transliteração em Inglês realizada pelo *Electronic Text Corpus of Sumerian Literature*, para o português. A partir do uso de ferramentas metodológicas condizentes com o documento, tendo em vista a História Cultural como guia para a busca de uma historiografia capaz de dialogar com o documento analisado, buscamos compreender como o mito elabora o luto e o lamento como elementos imprescindíveis na sociedade suméria. Para isso, desenvolvemos, em um primeiro momento, uma breve contextualização da sociedade suméria, para então analisarmos o que é a Mitologia da Morte e como ela aparece em nosso documento. Por fim, faremos apontamentos sobre o que é a morte e como esse processo era entendido pelos sumérios, para então partirmos para a análise de trechos selecionados do poema. Ao final, concluímos com nossas considerações finais sobre o documento analisado.

Palavras-chave: *A Descida de Inana ao Mundo dos Mortos*. Luto. Mito. Morte. Suméria.

ABSTRACT

DESCENDING INTO THE ABYSS: “THE INANA’S DESCENT TO THE NETHER WORLD” ACCORDING TO THE MYTHOLOGY OF DEATH AND GRIEF IN ANCIENT SUMER

AUTHOR: Maria Eduarda Ritter Codinotti

ADVISOR: Prof.^a Dr.^a Semíramis Corsi Silva

This monograph aims to analyze the sumer myth The Descent of Inanna to the Underworld, written during the II Millennium BC, by an unknown author, translated by the author, from the english transliteration made by The *Eletronic Text Corpus of Sumerian Literature* to portuguese. To do this, we use methodological tools consistent with the document, taking Cultural History as a guide in the search for a Historiography capable of dialoguing with the analyzed document. The analysis seeks to understand how the myth elaborates mourning and lamentation as essential elements in that society. To do this, we first developed a brief contextualization of Sumerian society, and then elaborated on what the Mythology of Death is and how it relates to our document. Finally, we will make notes about what death is and how this process was understood by the Sumerians, before moving on to the analysis of selected excerpts of the poem. In the end, we conclude with our final considerations on the analyzed document.

Keywords: Death. Grief. Myth. Sumer. *The Inana’s Descent to the Nether World*.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 — Mapa atual da região da Crescente Fértil

Figura 2 — Descrição da vegetação da Crescente Fértil

Figura 3 — Na parte superior, planta da cidade de Uruk e na parte inferior a planta do Eanna

Figura 4 — Concepção do mundo mesopotâmico

LISTA DE ABREVIATURAS

A.E.C	Antes de Era Comum
<i>Descida</i>	<i>A Descida de Inana ao Mundo dos Mortos</i>
ETCSL	Electronic Text Corpus of Sumerian Literature
Ms.	Manuscrito

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO MITO A <i>DESCIDA DE INANA AO MUNDO DOS MORTOS</i>	19
2.1. OS SUMÉRIOS: ESPAÇO E CONTEXTO	19
2.2. MITO E RITO: RELIGIOSIDADE SUMÉRIA E AS DIVINDADES DA <i>DESCIDA</i>	23
3. <i>DO GRANDIOSO CÉU ELA VOLTOU SUA ATENÇÃO À TERRA VASTA: ANÁLISE DOS DILEMAS ENTRE VIDA E MORTE NA <i>DESCIDA DE INANA</i></i>.....	28
3.1. CONCRETO E IMAGINÁRIO: AS CATÁBASES E A MITOLOGIA DA MORTE	28
3.2 <i>QUANDO LÁ EU CHEGAR, CHORE POR MIM NAS RUÍNAS DA COLINA: LAMENTO E DEVERES COM OS MORTOS NA ANÁLISE DO MITO</i>	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
APÊNDICE:.....	44
ANEXOS.....	55

1. INTRODUÇÃO

O nosso interesse pelo mito *A descida de Inana ao mundo dos mortos* (II milênio a.E.C.), peça central desta monografia, manifestou-se, em primeiro lugar, através de exposições sobre o Antigo Oriente em sala de aula e em cursos realizados durante nossa trajetória acadêmica, iniciada no ano de 2020. Em seguida, a busca pela aquisição de informações mais detalhadas, alimentadas pelo universo de possibilidades que nos foi apresentado pelo contato com *A epopeia de Gilgameš*, guiou-nos até o mito de Inana, que proporcionou uma série de indagações voltadas às temáticas abordadas na narrativa, e que motivaram o início da pesquisa que resulta neste Trabalho de Conclusão de Graduação.

Explícitos os caminhos que nos levaram ao encontro com a deusa Inana e sua descida ao mundo inferior, nesta monografia temos por objetivo compreender como a *descida* reflete a sociedade suméria, no que diz respeito à *mitologia da morte* (BOTTÉRO, 1987), como eram respondidas as aflições relacionadas ao fenômeno da morte, respeitando o contexto em que o tema está inserido. Buscaremos refletir sobre quais foram as maneiras desenvolvidas pelos sumérios para compreender a morte, partindo do enterramento até a chegada ao mundo inferior, onde ficavam os mortos. Feito isso, visamos analisar o mito da descida de Inana ao mundo dos mortos em si através da análise histórica, objetivando pensar as ligações entre a narrativa da aventura vivida pela deusa e a realidade experienciada pela sociedade da época, pois é perceptível que, apesar de a chegada ao mundo dos mortos pela deusa ter sido executada de forma não convencional, os elementos narrados em relação aos processos culturais ligados ao luto e a morte demonstram compatibilidade com elementos de outros documentos do período.

Nosso documento, *A descida de Inana ao mundo dos mortos*¹, é sumério e sua composição, de autoria desconhecida, foi realizada por volta do ano de 1750 a.E.C. Foram as escavações arqueológicas que revelaram os manuscritos e os mesmos foram recuperados de maneira fragmentada. As escavações se deram, em um primeiro momento, em Nippur, entre 1889 e 1900, e décadas depois, em 1963, na região de Ur. A partir dessas descobertas, Samuel Noah Kramer reuniu um total de trinta manuscritos, que foram organizados e traduzidos na

¹ A versão utilizada para análise neste trabalho provém do *website* Electronic Text Corpus of Sumerian Literature (ETCSL), um projeto da universidade de Oxford que reúne cerca de 400 composições literárias datadas do final do terceiro milênio e início do segundo milênio. O *site* oferece as fontes em formato de transliteração e em formato de prosa, traduzidas para o inglês. Isto posto, para o melhor acesso ao objeto de pesquisa, será apresentada a “descida” com tradução do inglês para o português, em prosa, realizada pela autora deste TCG. Ver Apêndice para consultar nossa tradução. Ver Anexos para a versão transliterada no alfabeto latino e para a versão em inglês.

primeira metade do século XX (POZZER, 2022, p. 9) Passados alguns anos, os manuscritos foram reorganizados devido às novas descobertas arqueológicas. Sendo assim, em 1975, a *descida* foi oficialmente publicada, mas com a ausência das vinte linhas finais que estavam degradadas devido ao estado de preservação da fonte.

A história descrita nos manuscritos, em formato de poema, relata a viagem da deusa Inana ao Mundo dos Mortos² visando conquistar para si os domínios de Ereškigal. Porém, ao decorrer da narrativa, Inana acaba morrendo. A solução para que ela retorne ao mundo dos vivos é entregar um substituto para ocupar seu lugar na morte. O escolhido para essa tarefa é Dumuzid, o consorte de Inana, tal decisão é tomada em razão do descontentamento da deusa ao perceber que Dumuzid não estava lamentando sua morte³.

Podemos dividir a trajetória de Inana em sete partes: 1. A Deusa Inana, prepara-se para a descida com vestimentas adequadas e visita os sete templos dedicados ao seu culto. 2. Inana dá ordens para que sua serva, que deve realizar uma série de lamentos para a deusa caso ela não retorne em três dias e três noites, ela também deve pedir ajuda aos deuses para que Inana volte ao mundo dos vivos. 3. Para entrar no Mundo dos Mortos, Inana deve retirar cada um de seus acessórios enquanto passa por sete portões. 4. Inana é condenada à morte, pois desejou o controle do Mundo dos Mortos. 5. A serva de Inana cumpre suas ordens e depois de ter seu pedido rejeitado por Nanna e Enlil, o deus Enki se compadece da situação e cria duas criaturas que viajam até o Mundo dos Mortos para resgatar Inana. 6. As criaturas negociam com Ereshkigal o resgate de Inana e conseguem trazê-la de volta à vida. Porém, a deusa precisa entregar um substituto. 7. Inana condena Dumuzid a morte. “A descida de Inana ao mundo inferior é apresentada como uma viagem à um lugar distante, desconhecido e perigoso. Mas, paradoxalmente, essa viagem ameaçadora é resultado de uma decisão intempestiva da própria deusa, aludindo a uma de suas características psíquicas, sua volubilidade emocional” (POZZER, 2018, p. 37).

Uma vez entendida a temática da fonte, é necessário partir em direção à construção de uma metodologia apropriada conforme a historiografia. À vista disso, enquanto pesquisador do Antigo Oriente Próximo, é preciso saber realizar delimitações e estar atento às arbitrariedades e recortes que constroem a História Antiga do Oriente Próximo. “O Oriente Próximo é, antes de tudo, um campo historiográfico ‘fronteiriço’, situação característica de regiões onde circulam diferentes experiências” (LIVERANI, 2020 p. 32). Depreende-se, então, que estamos

² Este tipo de fenômeno é conhecido como catábase. Ver tópico 3.1.

³ Transliteração nos anexos, página 44.

pesquisando um período bastante vasto, encoberto por fragmentos do passado, espalhados e desorganizados. Por conta disso, devemos estar atentos à necessidade de algumas generalizações para o entendimento daquele momento. A história organiza o passado através de formas para que seja possível atribuir sentido às experiências históricas (GUARINELLO, 2003, p. 43). Sendo assim, é necessário estar atento às arbitrariedades das fontes e dos contextos em que se encaixam. “Porém os historiadores não narram ou reconstróem o passado, pela razão simples que o passado nos é inacessível, não existe mais e não pode ser reavivado ou recuperado como realmente foi. O único acesso que temos ao passado é pelo presente, por objetos, textos ou recordações de indivíduos vivos que existem [...]” (GUARINELLO, 2003, p. 43). Por isso, é imprescindível a utilização de alguns recortes mais amplos devido à carência de documentações específicas sobre algumas das temáticas que serão abordadas.

Isto posto, devemos partir para outro ponto importante do desenvolvimento da pesquisa. O trabalho em questão não visa tecer análises sobre a estrutura literária ou lírica do poema. Pelo contrário, a partir do aporte teórico e metodológico específico da História, visamos compreender as experiências históricas elaboradas a respeito da morte na Suméria do segundo milênio a.E.C. No entanto, torna-se imprescindível buscar compreender a existência de certo grau de subjetividade dentro da narrativa, que está, em nosso caso, para além da teoria literária, encontrada no campo das experiências específicas de um indivíduo daquele tempo e sociedade. Ou seja, almejamos as descrições dos eventos pela ótica de uma historiografia voltada para as relações culturais da sociedade suméria, pois partindo do princípio de que todo indivíduo é um agente histórico e possui sua própria historicidade, portanto, através da análise documental⁴, é possível resgatar no texto partes palpáveis da sociedade suméria através dos vestígios materiais e imateriais. Para então, alcançar conexões condizentes com a realidade suméria tendo em vista nossos objetivos.

Entretanto, ainda que esta monografia não faça uma análise literária propriamente, continua sendo necessário entender qual a relação entre esse tipo de fonte, a literatura e a história, pensando a metodologia que deve ser empregada para a análise. Em primeiro lugar, precisa-se entender que a literatura nem sempre foi considerada fonte, ela apenas se tornou uma fonte válida para a pesquisa histórica a partir de um processo de abertura de novos caminhos historiográficos que surgiram no século XX em torno da revista *Annales d'Histoire*

⁴ O documento é: “Dotado de seu próprio sentido, a que não se pode recorrer sem precaução. Cumpre então restituí-lo ao contexto, apreender o propósito consciente ou inconsciente mediante o qual foi produzido diante de outros textos e localizar seus modos de transmissão, seu destino, suas sucessivas interpretações” (DUMOLIN apud FERREIRA, 2021, p. 64).

Économique et Sociale, criada por Lucien Febvre e March Bloch, e da *História-Problema*, que analisavam as experiências culturais, sociais, econômicas e individuais. Opondo-se à produção historiográfica centrada apenas em temáticas políticas, uma História voltada para os *Grandes Homens* de caráter Positivista.

Quando a historiografia deu início ao processo de análise de fontes que flutuavam fora da esfera da História Política *stricto sensu*, emergiu a necessidade de se conectar com outras áreas do conhecimento, como a Literatura. Em *Combates pela História*, Lucien Febvre destaca que “Os textos, sem dúvida: mas todos os textos. E não só os documentos de arquivos cujo favor se cria um privilégio [...], mas, também, um poema, um quadro, um drama: documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e ação em potência” (FEBVRE, 1989, p. 22). Desse modo, os documentos produzidos como literatura carregam significados muitas vezes subjetivos e individuais do autor, mas também servem como registros de uma sociedade a partir de suas composições.

Como um indivíduo escreve e sobre o que ele escreve estão intrinsecamente ligados à sociedade em que vive. “Se esse tipo de expressão é capaz de constituir algum conhecimento do mundo e alargar a visão do leitor, é por meio da *transfiguração* da realidade. No entanto, toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos dos sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem” (FERREIRA, 2020, p. 67).

Ainda que saibamos reconhecer a literatura como fonte, faz-se necessário questionar o que o termo literatura significa nos moldes atuais, para que, desse modo, seja possível desenvolver uma análise historiográfica com metodologia correspondente. “A partir da segunda metade do século XX, sob o influxo dos estudos linguísticos, uma nova conceituação começou a ser empregada para caracterizar a especificidade da criação literária. Passou-se a enfatizar não tanto o conteúdo das obras, mas o modo *como* a literatura se realiza, ou seja, as formas de linguagem⁵ utilizadas para a criação artística” (FERREIRA, 2021, p.66). Isso evidencia a flexibilidade metodológica que precisa ser empregada dentro de cada pesquisa.

Sobre isso, Márcia Abreu destaca que “O conceito de *Literatura* foi naturalizado [...]. Apresenta-se a *Literatura* como algo universal, como se sempre e em todo lugar tivesse havido literatura, como se ela fosse própria do ser humano. [...] Nós temos que discutir o que é literatura, pois ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes

⁵ Ao buscar pelas figuras de linguagem empregadas na “descida”, é indispensável recordar que metáforas, hipérboles, paradoxos, eufemismo etc. são mecanismos e denominações de análise contemporâneos ao nosso tempo.

definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais (ABREU, apud FERREIRA, 2021, p. 67). Sendo assim, podemos concluir que a Literatura é uma área do conhecimento que pode ocupar várias definições à medida que ela é alocada em diferentes períodos e contextos, pois os textos literários são formas de expressão específicas aos indivíduos, que exercem funções próprias ao seu tempo, sejam manuais de comportamento ou explicações de acontecimentos relacionados àquela cultura.

À vista disso, “A pesquisa histórica tem contribuído justamente para a compreensão dos modos como a literatura foi concebida, particularizada em relação às outras expressões orais ou escritas, transmitida, lida, compartilhada ou apropriada pelos diferentes grupos sociais das diversas épocas e sociedades” (FERREIRA, 2021, p. 68). Não basta apenas analisar o documento em si, o historiador deve ser capaz de ligá-lo a outras documentações que corroboram sua pesquisa, quando submetida às críticas e testes, ajustando a metodologia ao problema para que seja capaz de investigá-lo⁶. Dito isso, Pedro Paulo Funari, em *Antiguidade Clássica: a História e a Cultura em Documentos* (2003, p. 26), demonstra que os documentos podem ser analisados de diferentes formas a partir dos referenciais que cada pesquisador acumula ao longo de sua carreira, mas realizando uma análise interna e externa do documento.

1. Aspectos externos, com estudo da tipologia de fontes (texto de ficção, legislativo, epistolar etc.), lugar de origem e datação do texto, estilo e características linguísticas;
2. Resumo, consistindo em uma sinopse do texto;
3. Contexto histórico, inserindo o texto em quadros cronológicos, geográficos e temáticos (e. g., economia, cultura, política, guerra) específicos;
4. Explicação detalhada do documento envolvendo um estudo minucioso dos termos utilizados em seu contexto;
5. Autoria, inserindo o autor nas circunstâncias e no meio cultural;
6. Conclusão, incluindo o texto no contexto das abordagens historiográficas sobre o tema e o período;
7. Bibliografia consultada (FUNARI, 2003, p. 26),

Diante disso, nesta monografia, pretendemos realizar a abordagem do poema a partir de uma análise interna e externa do documento.

Em relação à organização do material aqui apresentado, esta monografia foi separada em dois capítulos temáticos, com suas subdivisões. O primeiro capítulo ficou reservado para a abordagem dos contextos gerais acerca da Suméria e quais conceitos podem ser desenvolvidos

⁶ “A história cultural, que mantém diálogo estreito com diversas áreas, dentre elas a História da Literatura e da Arte, oferece também algumas possibilidades de se trabalhar com textos literários. Nenhuma delas servirá, entretanto, como modelo a ser reproduzido. O método sempre será construído pelo pesquisador no contato com seu objeto” (FERREIRA 2021).

a partir de tal denominação, como cultura, língua ou etnia. O surgimento das primeiras cidades e a revolução urbana, organização social e localização no tempo e espaço. Este momento é essencial pois “História ciência do Homem, e então os *factos*, sim: mas são *factos humanos*: tarefa do historiador: encontrar os homens que os viveram e dele o que mais tarde aí se instalaram, com suas ideias para os interpretar” (FEBVRE, 1989, p. 24). Essa análise foi realizada partir das obras *Antigo Oriente: História, Sociedade e Economia* (2016) de Mario Liverani e *The Sumerian World* (2013), organizado por Harriet Crawford. Também levamos em consideração a Tese de doutorado da pesquisadora Janaína Zdebskyi, intitulada *A deusa precisa ser satisfeita: Guerra, morte e sexo na Suméria nos atributos da deusa Inanna* (2022).

Em seguida, temos a segunda parte deste primeiro capítulo, voltada para o âmbito religioso, visando explicar a relação do templo e dos deuses na *descida* e seu papel na sociedade e na política. Além das obras já mencionadas, utilizamos *O hierogamos de Inanna e Dumuzid: sexualidade, religião e política na Mesopotâmia* (2013), de Simone Dupla, como um dos referenciais teóricos deste tópico. Sabemos que os deuses eram figuras bastante importantes dentro da Suméria, por isso, entender como se comportavam e como aquela cultura os via, nos auxilia no entendimento da *descida*, para que assim possamos compreender os comportamentos das personagens.

O segundo capítulo tem por objetivo desenvolver três aspectos relacionados à fonte em si. A primeira parte, a partir de *Usos e abusos da História* (1975), por Moses Finley, definiremos o conceito de mito utilizado por nós. E, utilizando Jean Bottéro, em *Mesopotamia: Writing, Reasoning and the Gods* (1987), damos um passo para além do conceito de mito, para debater o termo *Mitologia da Morte*, refletindo sobre como a *descida* se encaixa dentro de tal terminologia. Ainda na busca por entender com clareza as definições em que nossa fonte se encontra, uma segunda parte do capítulo foi desenvolvida para trabalhar com os processos de Catábase⁷.

A terceira e última parte (último capítulo) foi dedicada inteiramente à análise do mito na ótica proposta, utilizando os excertos destacados a partir de referencial teórico observado Por meio de elementos da História Cultural, da cultura material e imaterial, descritos pela historiografia produzida nas últimas décadas.

Por fim, cumpre destacar que “A descida de Inana ao mundo dos mortos”, ainda que antiga, só se tornou disponível para o estudo acadêmico há pouquíssimo tempo. Sendo assim,

⁷ Do grego Katábasis, *κατὰ* (abaixo) e *βαίνο* (ir). Utilizado para definir o processo de descida ao Mundo dos Mortos em mitos. Esse tipo de narrativa é bastante comum tanto na Antiguidade Clássica como Oriental, por isso, essa terminologia é aceitável em contextos existentes fora do mundo grego.

há uma grande necessidade de estudá-la e entendê-la devido à riqueza de detalhes e informações novas que corroboram outras narrativas deste mesmo período e a possibilidade de encontrar novas interpretações sobre o passado. Além disso, o último tópico da monografia visa trabalhar com a interpretação suméria do mundo dos mortos, pensando como este funcionava a partir de outras documentações e de produções historiográficas convergentes.

Por último, temos a conclusão, que busca retomar os elementos importantes da pesquisa para arrematar as ideias apresentadas.

2. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO MITO A *DESCIDA DE INANA AO MUNDO DOS MORTOS*

2.1. OS SUMÉRIOS: ESPAÇO E CONTEXTO

Este tópico foi desenvolvido com o intuito de auxiliar no entendimento do espaço, do tempo e do contexto, em que a sociedade suméria foi constituída, para que, assim, seja possível captar as relações entre as experiências históricas e documento escolhido para a análise.

Para compreender sociedade que a historiografia determina como Suméria, em primeiro lugar é imprescindível delimitar o que esse termo tem por objetivo abarcar. Segundo Crawford (2013, p. 3), existem três possibilidades para o uso da palavra, a primeira delas é a língua suméria, que provavelmente surgiu da união de outras línguas e era utilizada por indivíduos de diferentes etnias. Por isso, é notável uma complexidade específica e própria no idioma sumério responsável por diferenciá-lo de outras línguas.

A segunda explicação para a denominação Suméria é a cultura, ou seja, o conjunto de comportamentos compartilhados por um grupo específico responsável por diferenciá-lo das outras culturas e sociedades. Desse modo, a cultura suméria é “[...] o produto de uma extraordinária mistura de uma variedade de elementos diferentes” (CRAWFORD, 2013 p. 4)⁸.

A última forma de entender o nome Suméria é como uma maneira de identificação genética, as características biológicas que conseguiriam delimitar um padrão genético sumério. Todavia, essa teoria se mostra bastante instável para a historiografia, visto que não há quaisquer evidências que comprovam esse tipo de separação entre indivíduos. Brisch, (2013 p. 111) alega que, apesar de um profundo desejo de identificar os primeiros habitantes na história da

⁸ Tradução da autora, a partir do excerto “*The product of an extraordinarily productive mixing of a wide variety of different elements.*” (CRAWFORD, 2013, p. 4).

Mesopotâmia, é necessário lembrar que Sumério é, primeiramente, uma língua e não um grupo étnico.

Estabelecidas as terminologias possíveis, faz-se necessário esclarecer que Suméria, nesta monografia, busca definir a língua e as experiências históricas e culturais específicas desenvolvidas pelos grupos que se estabeleceram no sul da Mesopotâmia a partir do IV milênio a.E.C.

A base da sociedade suméria foi constituída no sul da Mesopotâmia (Atual Iraque). Uma região conhecida pela fertilidade entre os rios Tigre e Eufrates — apesar do calor excedente, das raras chuvas e recursos escassos — ela tornou-se um local de assentamento para grupos humanos desconhecidos que deixaram para trás poucos vestígios arqueológicos capazes de transmitir algum conhecimento sobre si.

Para dar uma ideia simplificada do Oriente Próximo usa-se geralmente a imagem do ‘crescente fértil’: um semicírculo de terras férteis, irrigadas, apropriadas para assentamentos agrícola e urbano que vai da Palestina à Mesopotâmia, passando pela Síria confinando ao sul (pelo lado côncavo) o deserto sírio-arábico e ao norte (pelo lado convexo) com as terras altas anatólicas, armênias e iranianas (LIVERANI, 2020, p. 45).

Apenas no IV milênio, nos deparamos com registros escritos em sumério. Contudo, é incorreto depreender a partir disso que, nesse período, havia unicamente a cultura suméria na área sul do crescente fértil, a arqueologia nos indica a existência semita entrelaçada aos sumérios.

As sociedades do sul da Mesopotâmia, além de um complexo sistema de escrita, desenvolveram sistemas matemáticos responsáveis por ajudar na administração das cidades que surgiram a partir do processo de Revolução Urbana (CHILDE, 1971). Processo de especialização e hierarquização dentro dos centros urbanos, que acarretam no aperfeiçoamento das profissões, como tecelagem, metalurgia e cerâmica. Todavia, grande parte da população ainda estava conectada ao estilo de vida pastoril e agricultor.

A organização social do mundo sumério também viu importantes inovações, ao passo que se transformava de sociedade caracterizada por fazendeiros e pastores nômades que viviam em pequenas comunidades, para complexos urbanos, que apesar de baseados na agricultura, requisitam sistemas de administração mais sofisticados do que os oferecidos pelos grupos familiares que viviam em assentamentos menores (CRAWFORD, 2013, p. 2).⁹

⁹ Tradução a partir do excerto: “*The social organization of the Sumerian world also saw important innovations as it moved from a society characterized by farmers and mobile herders living in small communities, to complex urban ones which, although still agriculturally based, required more sophisticated systems of governance than that provided by the heads of the families who lived in the smaller settlements*” (CRAWFORD, 2013, p. 2).

As cidades se estabeleceram principalmente em planície com solo composto por areia e argila devido às sedimentações causadas pelos rios ao longo dos anos. Também ocorreram assentamentos entre regiões montanhosas, colinas e planaltos. Todos esses processos seguem três princípios apontados por Liverani: 1) Presença de mais terra do que o suficiente para a população, isso e outros fatores sazonais e de cultivo acarretaram no processo de descontinuidade espacial na região, responsável por certo isolamento entre assentamentos. 2) Água disponível para criar terra fértil. 3) A organização humana enquanto desenvolvedora de infraestrutura para a exploração dos territórios. Sendo assim, o autor conclui que terra, água e trabalho nesse contexto estão interligados e são codependentes. Não há sobrevivência sem água ou cultivo, porém também é necessário desenvolver um mecanismo capaz de exercer tais funções (LIVERANI, 2020, p. 52). (Ver figuras 1 e 2).

Além disso, cada espaço ocupado por um grupo, constituído por povoados e cidades, possui sua própria historiografia, cujo conhecimento é recuperado por estudos dos materiais das escavações arqueológicas que demonstram o desenvolvimento urbano, orientado pela quantidade de habitantes, crises e estratégias de sobrevivência. Também é necessário levar em conta as questões políticas e culturais, entretanto, tais fatores serão apresentados mais adiante.

O processo que ocasionou a dinâmica urbana em torno dos templos e palácios, iniciou-se com o processo de sedentarização durante o Neolítico, quando houve o desenvolvimento de técnicas agrícolas e de domesticação de animais. Para que então, no período do Bronze, as primeiras cidades começassem a surgir durante a chamada Revolução Urbana. Cidades-estados representavam o surgimento de uma organização política que necessitava do desenvolvimento de técnicas administrativas, como a escrita, para o funcionamento da cidade. Por fim, no princípio da Idade do Ferro, as cidades deram início a um processo de centralização voltada ao palácio e ao templo. A principal cidade-estado que veio a surgir do processo de urbanização foi Uruk, durante os períodos Uruk Antigo, 3800 – 3400 e Uruk Tardio, 3400 – 3000. (Ver figura 3).

Sem dúvida, o aumento da produtividade agrícola e a produção de excedentes, relacionados ao aumento demográfico e às novas tecnologias desenvolvidas, asseguraram a manutenção dos centros urbanos. A soma de todos os elementos resultou na organização das cidades através da estratificação social e dos arranjos políticos responsáveis pela administração. A organização das cidades também significou a polarização entre especialistas, nos centros maiores, e nas aldeias com as famílias responsáveis pelo fornecimento de alimento à cidade.

As cidades se tornaram a sede dos templos e dos palácios, enquanto as aldeias que a cercavam não possuíam tais complexos arquitetônicos. O palácio era a morada do rei, de sua família e da corte. Já o Templo, era um local de culto e também morada de um deus. Entretanto, apesar de possuírem algumas especificidades, ambos estavam integrados a outros ambientes de forma administrativa, como oficinas, arquivos, armazéns e escritórios de escribas.

O desenvolvimento da escrita e as tarefas realizadas pelos escribas, como já mencionado, surgiram devido à necessidade de responder e controlar as exigências das cidades-estados. “O surgimento de um sistema de registros escritos representou o coroamento do processo de especialização do trabalho e de despersonalização das relações de trabalho e distributivas, o que permitiu uma busca de formas de organização política e econômicas [...]” (LIVERANI, 2020, p. 123). Todavia, o processo de armazenamento de informações de forma escrita em manuscritos percorreu outros sistemas de registros e identificações. Os carimbos e selos cilindros¹⁰ foram mecanismos utilizados na Mesopotâmia para lacrar ou definir autoria, ou posse de objetos¹¹.

“Os selos de carimbo são substituídos pelos cilíndricos, com a marca feita por rolagem, e com a possibilidade de obter faixas de marcas com diversas extensões. A colocação do selo deixou de indicar simplesmente uma assinatura, mas garantia a não violação de um recipiente lacrado” (LIVERANI, 2020, p. 123).

Os selos imprimiam na argila uma imagem e, em alguns casos, continham inscrições. As cenas representadas nos selos variavam entre representações do cotidiano, de festas, de batalhas e de divindades. Segundo Millard e Bienkowski (2000, p. 85), a escolha da cena a ser representada poderia estar conectada a esfera social, política ou administrativa que um indivíduo participava. Além da aplicação de selos, os *tokens*, códigos gráficos, também foram mecanismos essenciais para a comunicação, os *tokens*, eram formas de enviar uma mensagem através de símbolos que correspondiam a objetos e números, empregados junto aos lacres. Com o passar o tempo, essa técnica sofreu alterações para facilitar seu uso, segundo Liverani, rapidamente tornou-se possível gravar sinais, não utilizando mais a impressão de senhas (*tokens*), mas através de desenhos que se assemelhavam a imagem do objeto que se desejava representar (LIVERANI, 2020, p. 126).

¹⁰ Os selos cilindros mais antigos, segundo a arqueologia, são de 3600 a. E.C. na região do atual Irã

¹¹ *Cretula* e *Bulla*: “O laço que fecha o recipiente ou a porta é lacrado com uma *Cretula* ou *Bula*, isto é, com um pedaço de argila sobre o qual se imprime o selo do funcionário responsável. Quando a *cretula* seca, torna-se impossível a abertura, que só pode ser feita com seu rompimento pelo funcionário responsável ou com sua autorização; ele é o único que pode refazer um selo autêntico” ((LIVERANI, 2020, p. 125).

Os logogramas¹² utilizados nos *tokens* aos poucos sofreram alterações substanciais para que não só representassem um único termo, mas sim abarcassem palavras que foneticamente soassem de forma semelhante ao termo original. “Assim, por exemplo, uma ‘seta’ pode ser utilizada para indicar ‘vida’ porque ambas se pronunciam *ti* em sumério” (LIVERANI, 2020, 126). Sendo assim, a língua suméria foi constituída a partir de junções entre afixos, prefixos e sufixos para representar palavras essenciais. Tal morfologia ajudou escribas a expressarem verbos e nomes próprios. O processo de escrita foi uma forma significativa de, não só administrar, como também armazenar diversos tipos de informações que hoje nos revelam partes das experiências históricas ocorridas na Antiguidade.

Retomando à questão hierárquica, os sumérios estavam dispostos verticalmente na sociedade, um pequeno grupo ocupava espaços de tomada de decisões e, ao fazê-lo, justificava seu espaço e o poder, que era exercido pelo núcleo dirigente de forma centralizadora, com o objetivo de controlar e defender o território, além de desenvolver a exploração dos recursos para a manutenção da sociedade (LIVERANI, 2020, p. 129). Além disso, o rei como governante e figura superior implicava na subordinação das propensões particulares dos grupos e organizações familiares em favor dos interesses coletivos, que seguiam as normas estabelecidas pela figura real. Entretanto, para que tal acordo entre grupos fosse possível, era necessário encontrar alguma legitimidade na hierarquia e no poder exercido pelo rei. Para isso, foi necessário realizar uma conexão político religiosa, que justificasse a existência e necessidade dos papéis impostos na sociedade. “O núcleo dirigente deve operar em duas frentes, operativa e ideológica que desembocam na constituição de uma burocracia e de um clero. A burocracia, constituída pelos escribas e articulada em setores e hierarquias, cuida da gestão econômica da grande empresa que é a cidade-estado” (LIVERANI, 2020, p. 129). No tocante à moradia, as cidades abrigavam os grupos mais privilegiados, devido às especializações de trabalho, enquanto os estratos mais baixos residiam nas regiões periféricas à cidade, as aldeias (Ver figura 3).

2.2. MITO E RITO: RELIGIOSIDADE SUMÉRIA E AS DIVINDADES DA DESCIDA

Este tópico pretende abordar a cultura religiosa na Suméria, de maneira a demonstrar como a religião era percebida e exercida, para então apresentar as divindades que participam da narrativa da *descida*

¹² Logograma é o termo utilizado para definir caracteres que representam um termo ou conceito abstrato.

O que é religião? Em linhas bem gerais, segundo Bottéro (1987, p. 202), a religião se apresenta como um conjunto de representações e comportamentos coletivos capazes de controlar uma sociedade inteira em relação ao universo que se sobrepõe ao nosso mundo. Como mencionado anteriormente, a junção da política e da religião foi capaz de justificar o poder exercido pelo rei, ao impor ideais de um universo superior habitado por deuses. Um exemplo é a relação entre o rei Sargão I de Acad (2371 – 2316 a.E.C.) e da deusa Inana¹³, durante seu governo, o rei adotou-a como sua divindade pessoal, a responsabilizando pelas vitórias do império, “O lance de mostrar o imperador como seu devoto e protegido era um fator importante na consolidação de seu poder” (OTTERMANN, 2006, p. 4).

Porém, nesse tópico, precisaremos entender religião e religiosidade a partir maneira como essas crenças se manifestam, e para além das relações políticas, para isso, será necessário visualizá-la pelos olhos dos seus praticantes. Bottéro (1987) indica a existência de algo abstrato conhecido como *Essência das coisas*, que seria uma espécie de explicação sobre o funcionamento do mundo e as responsabilidades e funções dos seres humanos na terra, a ordem imposta pela natureza. Todavia, ainda sim, é complicado demais aceitar que se acreditava puramente nessa essência, pois há uma imposição que demanda adesão a esses ideais, pois se há arranjos políticos entre governante e sociedade, é porque a legitimidade está embasada na religião e na crença da população que o sistema de governo e a hierarquia vigente estão de acordo com uma ordem superior à terra.

A religião se manifesta, mais ou menos, como o Amor,

“Amor é baseado acima de tudo nos sentimentos que nos atraem fortemente a outro indivíduo da mesma espécie, em quem imaginamos, de maneira obscura ou não, um complemento e o enriquecimento de nós e de nossas vidas. Quando estamos interessados em outro indivíduo, o amor, antes de tudo, nos estimula a conhecê-lo melhor de qualquer maneira possível. Por isso, diante de tal indivíduo adotamos uma atitude que representa a imagem que possuímos dele, bem como as emoções que inspiram tal imagem¹⁴” (BOTTÉRO, 1987, p. 202).

¹³ Durante este período da história, temos o primeiro grande Império Sumero-Acádio, quando o acádio é disseminado junto da língua suméria. Ishtar e Inana são divindades bastante semelhantes e, em certos casos, são consideradas a mesma pessoa. No governo de Sargão I, é o nome Ishtar que aparece com mais frequência.

¹⁴ “Love is based above all on the feelings that draw us strongly towards another individual of the same species, in whom we imagine, in more or less obscure ways, a complement and an enrichment of our personality and our life. When we are oriented towards the other individual, love urges us first of all (speaking always, as noted above, “according to the order of nature” and not “according to the order of thine”) to know that individual hettel, in whatever way such a knowledge can be realized. Thus we adopt towards that individual an attitude that represents the image we have of him as well as the emotions that inspire that image, in terms of what ties us to him and of the image we have made of him” (BOTTÉRO, 1987, p. 202).

Os sentimentos que são desenvolvidos a respeito da religião não seguem a mesma equiparação que vemos no amor, porque este acontece entre seres de uma mesma espécie e que convivem entre si. Por outro lado, a religião sustenta um relacionamento estratificado, entre seres que não convivem juntos, pois há uma consciência de que existe algo ou alguém superior a todas as coisas da terra. “Nos sentimos inclinados a nos submeter a esta ordem [...] se quisermos nos sentir mais completos” (BOTTÉRO, 1987, p. 203).

A possibilidade da existência de um mundo imaterial gera a necessidade de compreensão dele, por isso criam-se associações, imagens e ideologias que, quando juntas, resultam em comportamentos e sentimentos religiosos específicos. Na Mesopotâmia, a religiosidade foi “produto de reações culturais diante do sagrado [...] Os habitantes do local foram capazes de desenvolver a religiosidade a partir de seu ponto de vista, da sensibilidade e do ponto de vista particular de sua cultura tradicional” (BOTTÉRO, 1987, p. 203).

Há poucos vestígios que relatam o surgimento do mundo na concepção suméria¹⁵, apesar da arqueologia ter localizado documentações que narram mitos para origens de coisas ou deuses em específico. Até hoje, não fomos capazes de encontrar um documento que relate a história da cosmogonia suméria por inteiro. Entretanto, sabemos que o universo era compreendido como dois hemisférios, um tomado pelos deuses do *céu* e o outro pelos deuses do *abaixo*, que flutuavam em água¹⁶ (Ver figura 4). “O mundo dos deuses era um reflexo das relações humanas, dos ciclos da natureza e sua interação com os astros. A narrativa mitológica, nesse sentido, pode ser percebida como uma produção cultural ligada a contextos históricos específicos” (DUPLA, 2012, p. 8). De certo modo, é mais fácil conhecer os deuses em si, do que a própria origem do mundo que reinam,

Como senhores absolutos, os deuses regiam a seu bel prazer à orquestra do mundo terreno, promoviam guerras, discórdias, festas, prosperidade ou destruição. Possuíam características demasiado humanas, amavam, odiavam, tramavam sua ascensão ou a queda de outro deus, violentavam, matavam seus pais, possuíam vários amantes ou sofriam doenças, mas tudo em um grau superlativo (DUPLA, 2012, p. 7).

¹⁵ Em *Gilgameš, Enkidu e os infernos*, temos pequenas informações a respeito do surgimento do mundo.

¹⁶ “Traditionally the ancient Mesopotamians had made a conception of the universe that was, so to speak, vertical and bipolar; they saw it as an immense globe composed of two symmetrical hemispheres horizontally separated in the middle, i.e., the On-High (an/"amu) or, if you want, Heaven, and the Below (kifer'Jetll) or the Netherworld. In its center, encircled like an island by the bitter waters of the sea (tilmtu), and lying on a sheet of sweet water of the Apsu, * was what we call the earth: the earth of living humans. The lower hemisphere was given as a space and an environment for the existence of the dead.” (BOTTÉRO, 1987, p. 27).

Os deuses tinham sua devoção manifestada nos templos, suas casas, possuíam seus servos e recebiam oferendas. As cidades dispunham de divindades protetoras, Inana era a divindade de Uruk/Unug, e uma de suas casas era o *E-anna*¹⁷, como podemos observar no trecho retirado da *descida*.

Ela deixou o templo de *En*. Ela deixou o templo de *Lagar*. E desceu ao mundo inferior. Ela deixou *E-ana* em *Unug*. E desceu ao mundo inferior. Ela deixou *E-muc-Kalama* em *Bad-tibira*. E desceu ao mundo inferior. Ela deixou *Giguna* em *Zabalam*. E desceu ao mundo inferior. Ela deixou *E-cara* em *Abad*. E desceu ao mundo inferior. Ela deixou *Barag-dur-jara* em *Nibru*. E desceu ao mundo inferior. Ela abandonou *Hursaj-Kalama* em *Kic*. E desceu ao mundo inferior. Ela abandonou *E-Ulmac* em *Agade*. E desceu ao mundo inferior. (ETCSL, 2017, tradução da autora).

A deusa Inana é considerada a divindade feminina mais importante da Mesopotâmia, seu nome provavelmente derivou de *nin-ana*, que significa *senhora do céu*, e também possui relações com as deusas Astarte e Ishtar. Segundo Leick (1991), os primeiros textos e hinos relacionados à imagem de Inana remetem à filha do rei Sargão, Enheduanna, uma sacerdotisa do templo do deus Nanna em Ur. De acordo com POZZER (2018, p. 37), na *descida* “Uma primeira lição é que a protagonista, a deusa Inana, dispensa qualquer apresentação. Todos os que são capazes de ler e ouvir o poema já a conhecem. Trata-se pois de uma divindade popular”

Diversos títulos foram ofertados à divina Inana, como por exemplo “Rainha de todos os *me*”, pois ela era considerada capaz de organizar e assegurar os *me*. Os dons, conhecidos como “*me*”, são poderes atribuídos aos deuses sumérios. Dentro das narrativas, os ‘*me*’ podem ser representados tanto como coisas abstratas ou objetos físicos, este último é o caso em *A descida de Inana ao mundo dos mortos*. Segundo Brandão (2019, p. 48): “Todos os deuses dispõem do que podemos entender como ‘poderes’ - em sumério ‘*me*’ -, mas sua relação com eles guarda traços próprios”, ou seja, as divindades mesopotâmicas possuem aspectos multifacetados e são responsáveis por diversos elementos essenciais da vida.

A partir da observação dos trechos é possível reconhecer que os sete *me* estão sendo representados por acessórios e roupas:

14-19 Ela levou os sete poderes. Ela coletou poderes divinos e os segurou em sua mão. Com grandes poderes divinos, ela seguiu seu caminho. Ela colocou um turbante, para protegê-la no campo, na cabeça, ajeitou o cabelo em sua testa. Com um colar de lápis-lazúli ela adornou seu pescoço
20-25 Ela cobriu seu peito com duas pedras ovulares. Ela cobriu seu corpo com um vestido de *pala*, o traje das senhoras. Ela passou maquiagem nos olhos que atraem “Deixe o homem vir, deixe-o vir”. Vestiu um peitoral que atrai “Venha homem, venha”. Em sua mão colocou um anel dourado. Ela segurou o bastão e a linha de medição de lápis-lazúli em suas mãos. (ETCSL, 2017, tradução da autora).

¹⁷ “A Casa dos Céus”. Ver Figura 3.

Durante o período Neo-Sumério, seu culto foi difundido em larga escala entre os governantes, alguns deles, até mesmo adotaram o título de “esposo de Nininin”. Inana era associada com o planeta Vênus e era definida como uma deusa de personalidade forte, responsável pelo amor, sexo, reprodução, guerra e conquista. Os reis criaram uma conexão especial com a deusa, sobretudo, por meio do Casamento Sagrado. Este ritual, com variações ao longo do tempo e das tradições, era realizado por meio de hinos e ocorria durante as celebrações de Ano Novo, o evento celebrava a união sexual de Inana e Dumuzid, seu esposo, mas também tinha por função assegurar a renovação da vida e da fertilidade da terra. O ritual exigia a repetição de hinos sobre Inana e Dumuzid, que eram entoados pelo rei e por uma heródula do templo.

A irmã de Inana é Ereškigal, a senhora *da terra vasta*, como bem diz o nome, vivia no mundo inferior, seu culto não era muito proeminente e existem poucos hinos para ela, entretanto sua presença em mitos é vasta. Segundo Leick (1991), Ereškigal poderia ser vista como uma antagonista em relação à Inana, que era uma deusa associada ao sexo, enquanto o mundo inferior impossibilitava a realização de “ações vivas”. A relação das irmãs pode ser entendida como um espelho, de um lado temos Inana, que representa a vida e Ereškigal, a rainha de um mundo infértil e deprimente.

Já Dumuzid era um deus associado ao pastoreio. As primeiras histórias a seu respeito são complexas e tendem a variar bastante, para alguns ele era considerado como rei, para outros o marido de Inana. (MILLARD, BIEKOWSKI, 2000, p. 96). Na lista de reis sumérios podemos encontrar seu nome duas vezes, isso poderia indicar que Dumuzid foi um rei que passou por um processo de divinização. Para Leick (1991, p. 32), sua figura divina era associada com as cidades de Badtibira e Kullaba, Durante o período Neo-Sumério, o deus era comumente mencionado na tradição votiva, hinos e textos religiosos¹⁸. O nome de Dumuzid e de sua irmã, Geshtiniana, outra divindade rural, também podem ser encontrados em histórias sobre deuses que habitam o mundo dos mortos. Em *A morte de Ur-Nammu*, segundo Kramer, sete *deuses* são mencionados como habitantes do mundo dos mortos, Nergal, Gilgameš, Ereškigal, Dumuzid, Namtar, Hušbišag e Ningišzida.

¹⁸ *Dumuzi as a divine figure was associated with Babtibira, as well as Kullaba (within the district of Uruk). This is documented by the Temple Hymns and other cultic texts from Uruk. During the Neo-Sumerian period the god was frequently mentioned in votive inscriptions, hymns and other literary and religious texts. The kings of the Third Dynasty of Ur showed a predilection for the religious and literary traditions of Uruk and seem to have identified themselves with Dumuzi in his role of Inanna's husband* (LEICK, 1991, p. 32).

3. DO GRANDIOSO CÉU ELA VOLTOU SUA ATENÇÃO À TERRA VASTA: ANÁLISE DOS DILEMAS ENTRE VIDA E MORTE NA *DESCIDA DE INANA*

3.1. CONCRETO E IMAGINÁRIO: AS CATÁBASES E A MITOLOGIA DA MORTE

O que é um mito? Para Bottéro (1987, p. 269), é *imaginação calculada*, são construções da mente para responder alguma dúvida coletiva, como o que acontece quando morremos. Todavia, o conceito de mito, pelo menos nesta monografia, será elaborado de outra forma. Precisamos começar pela ideia de que qualquer mitologia é atemporal, quando estudamos a Antiguidade nos deparamos com algumas alternativas diferentes para entendermos esse universo, como medir o tempo é uma delas. É difícil precisar quando e onde especificamente cada evento narrado em um mito aconteceu devido às disparidades de mecanismos utilizados para contar o tempo e o espaço, o mito, assim, é atemporal. Por isso encaixamos a datação de algum evento do passado distante no tempo atual, para que possamos compreendê-lo a partir de modelos de nossa realidade. Por outro lado, Antigo Oriente Próximo media seu tempo através das listas dinásticas ou da construção de algum monumento. Ambos são importantes para a pesquisa histórica, porém para podermos relacionar de maneira inteligível as cronologias, nós precisamos utilizar da arqueologia e da estratigrafia, que nos permite, com a análise de camadas do solo nas escavações, determinar períodos históricos específicos.

Apesar da pesquisa arqueológica ser essencial para o estudo histórico das culturas antigas, o mito não necessariamente vive hoje para provar a existência de algum lugar em específico, mas sim para oferecer alguma lição sobre a sociedade. Raramente importa, quando falamos em mitos, provar ou não onde estão as portas que levam ao mundo dos mortos, por exemplo, pois são realidades totalmente diferentes das atuais com concepções profundamente distintas. Pouco importa quão excêntrica seja a narrativa, o mito não precisa ser questionado a respeito da veracidade dos eventos. Os questionamentos e informações que são encontradas nesse tipo de fonte que remontam passados verossímeis são diferentes. As respostas às nossas perguntas estão nas representações das personagens, lugares, eventos ou na mensagem que se busca passar, o mito enquanto documento também é literatura e por isso é subjetivo, foi escrito por humanos inseridos em sociedades ímpares. Isso nos oferece uma nova perspectiva ao mito, ele não é uma mentira e não precisa ou pode ser superado pela ciência. O mito existe por si só, não precisa de comprovações para sustentar-se. Por outro lado, a pesquisa histórica feita a partir

dessas fontes precisa de subsídios para que seja plausível, porque necessita encontrar relações e hipóteses possíveis de acordo com a historiografia.

Em resumo, na percepção de Moses Finley sobre o mito nas narrativas épicas:

Contudo, o que quer que tenha sido, o épico *não era história*, e sim uma narrativa, detalhada e precisa, com descrições minuciosas de guerras, viagens marítimas, banquetes, funerais e sacrifícios, todos muito reais e vívidos, ele podia conter inclusive algumas sementes encobertas do fato histórico — mas não era história. Como todo mito, era atemporal. As datas e um escalonamento coerente de datas tão essenciais para a história quando a medição exata é para a física. O mito também sugeria fatos concretos (FINLEY, 1975, p. 7).

Os mitos auxiliaram as sociedades antigas a responderem suas inquietações a respeito da vida e o que acontecia depois dela. Para Bottéro (1987, p. 269):

“Em sociedades que podemos apenas pensar em imagens, não se referindo a termos abstratos, todas essas operações derivam de algum tipo de *imaginação calculada*, ou mitologia. É por isso que aqui eu falo de *mitologia da morte* e entendo por essa frase a totalidade de respostas dadas pelos antigos mesopotâmicos aos paradoxos que surgiam em suas mentes (e surgem nas nossas hoje em dia) antes da irrevogável morte”¹⁹. (BOTTÉRO, 1987, p. 269)

Sendo assim, *Mitologia da Morte* é um termo utilizado para abarcar narrativas míticas que de certo modo falam sobre a morte.

Por fim, as Catábases são uma categoria de narrativa mítica, são histórias que contam a viagem ao mundo inferior por alguma personagem exemplar e especial, geralmente deuses, semideuses ou heróis, que se encontram vivos e buscam por algo ou tem algum objetivo em mente, além disso, o protagonista faz a viagem com a intenção de retornar ao seu mundo vivo. Devido à sua relação com o Mundo dos Mortos, as catábases também estão relacionadas à *Mitologia da Morte*.

Alberto Bernabé, em *What is a Katábasis: the descent into the Nether-World in Greece and ancient Near East* (2015), afirma que definir quais textos são ou não são parte da categoria pode ser uma tarefa difícil, pois existem divergências entre os pesquisadores. Porém, há a possibilidade de encontrarmos certas semelhanças entre os mitos que nos oferecem provas suficientes para categorizá-las. Essas histórias geralmente envolvem uma viagem não

¹⁹ *In societies that can only think in images, not in abstract terms, all those operations derive from the type of "calculated imagination" that we call mythology. This is why I speak here of the mythology of death and understand by that phrase the totality of answers given by the ancient Mesopotamians to the paradoxes that came to their minds (and that still come to ours today) before this irrevocable and troubling constraint of death.* (BOTTÉRO, 1987, p. 269).

convencional que leva até um portal que separa o mundo dos vivos do habitado pelos mortos, como a viagem é desafiadora, apenas personagens extraordinárias podem realizá-la, é por esse motivo que os protagonistas são heróis ou divindades. É comum a presença de uma porta, rio ou barqueiro como obstáculo, como vemos no poema em análise neste trabalho:

73-77 Quando Inana chegou ao palácio Ganzer, empurrou os portões do mundo inferior brutalmente. Ela gritou no portão do mundo inferior “Abra, porteiro, Abra. Abra Neti, Abra. Estou sozinha e desejo entrar. (ETCSL, 2017, tradução da autora)

Apesar do protagonista do poema ser excepcional, como foi dito, as catábases podem não resultar em vitórias. Precisa haver a intenção de retorno, todavia isso não significa que algo pode dar errado durante a trajetória. A própria Inana falhou em sua missão.

204-208 Enfurecido, pai Nanna, respondeu à Ninshubur: “Minha filha desejou o grande céu e desejou a terra vasta. Inana desejou o grande céu e desejou a terra vasta. Os poderes divinos da Terra Vasta não devem ser desejados, pois quem os possui deve permanecer lá. Quem, ao ir a tal lugar, espera voltar novamente?” (ETCSL, 2017, tradução da autora)²⁰

As catábases podem tentar influenciar os ouvintes a se comportarem de uma maneira específica (BERNABÉ, 2015, p. 24), e também auxiliar no desenvolvimento de imaginários a respeito do mundo inferior, como forma de estabelecer conceitos e narrativas a respeito das tradições ou como forma de debate ou estabelecer consenso sobre algum assunto importante na sociedade.

3.2 QUANDO LÁ EU CHEGAR, CHORE POR MIM NAS RUÍNAS DA COLINA: LAMENTO E DEVERES COM OS MORTOS NA ANÁLISE DO MITO

O mito *A descida de Inana ao Mundo dos Mortos*, quando analisado por nós, revelou profunda crença na importância dos rituais funerários e no processo de luto. Por isso, ressaltaremos, neste tópico, como a jornada da deusa Inana lidou com essas expressões culturais, através do entendimento do processo que envolve o deixar de viver entre os vivos para existir entre os mortos.

O que é a morte e qual o motivo pelo qual morremos são perguntas atemporais, e cada sociedade buscou respondê-las à sua maneira. Os sumérios procuraram compreender esse fenômeno inevitável que ocorria em sua perspectiva devido à uma decisão do deus Enki que definiu dois momentos da existência humana, o primeiro momento existia para que os sumérios

²⁰ “Quem, ao ir a tal lugar, espera voltar novamente?” O Mundo dos Mortos também era conhecido como terra sem retorno, terra vasta Ki, Kur, Erestu. A princípio, uma vez lá nunca mais se poderia voltar.

servissem aos deuses e o segundo momento era quando se morria e restava apenas o espírito, uma passagem entre os deuses do *Acima* e os deuses do *Abaixo*, ou seja, isso significava a vontade dos deuses.

Os deuses fizeram o mundo como uma espécie de gigantesco reservatório de bens de consumo e de uso, que era possível obter por meio do trabalho. Eles criaram os homens para assegurar esse trabalho, e para fornecer-lhes, assim, tudo do que precisavam para uma vida opulenta, feliz e sem preocupações: templos magníficos, banquetes cotidianos, festas, roupas suntuosas, joias, estátuas e imagens fascinantes a representá-los” (BOTTÉRO, 2011, p. 51).

Entretanto, havia outros questionamentos que precisavam ser respondidos, como o que vinha depois que alguém deixava o mundo dos vivos. Desse modo, os contos e mitos preenchiam essas lacunas ao relatar histórias que envolviam elementos antes desconhecidos ou questionados.

Quando alguém morria, o corpo passava pelo processo de decomposição até que restassem somente os ossos (*esemtu*), já a alma/espírito/fantasma (*etemmu*), era introduzida, através da terra, para um novo ambiente, onde passaria o resto de sua existência, o Mundo dos Mortos. A partir disso, somos capazes de reconhecer a existência de dois elementos bastante importantes, um que acontece entre os vivos, que é o enterramento e os deveres da família viva em relação ao morto, já o outro elemento compreende a chegada do falecido em sua nova morada, seu julgamento e condições básicas de habitação.

Começaremos pelos enterramentos, quais eram os procedimentos sumérios corretos para tratar de um familiar falecido?²¹ Em primeiro lugar, o local de enterramento correto era essencial, tradicionalmente os corpos estavam sempre cobertos e eram enterrados em trincheiras, tumbas ou cavernas, geralmente na casa paterna, era bastante comum realizar enterramentos junto às casas, em um cômodo específico.²²

“O local tradicional do enterro era a casa paterna²³, principal teatro da vida familiar nessa cultura patriarcal: reservava-se uma "ala" desse edifício — talvez aquela que servisse também como "capela" doméstica — e ali se punham sob a terra os defuntos, mantendo assim reunida, materialmente, a família inteira, passada e presente” (BOTTÉRO, 2011, 52).

²¹ *First of all the descendants had to mourn their dead. They had to weep (baku) and to bury (qeberu) them according to the established ritual* (BOTTÉRO, 1995, p. 280)

²² Em cidades maiores foram encontrados cemitérios fora das casas devido à alta quantidade de habitantes (BOTTÉRO, 2011, p. 52).

²³ *“A passage of an exorcistic ritual may suggest that these burials were more likely situated in one area of the house; in the wing of the building that was called fiJI' that purpose wing of the dead of the family (shiddi etem kimti), and also served as the domestic chapel”* (BOTTÉRO, 1995, p. 280)

Após o funeral, por assim dizer, a família continuava a ter responsabilidades em relação ao defunto, que agora habitava no Mundo dos Mortos e passava por necessidades eventuais, que eram sanadas com comida e bebida, algumas vezes no ano. Além disso, acessórios, ferramentas e itens pessoais eram enterrados junto com o morto, para que este os usasse quando necessário.

O que acontecia com o falecido quando chegava à sua nova *morada*? O Mundo dos Mortos é descrito em algumas documentações como uma grande caverna, suja, úmida, que continha uma grande cidade,

Cercada de muralhas, dentro das quais os mortos deviam permanecer trancados a cadeado para sempre. Um guardião implacável vigiava a Porta de entrada e, no meio dessa cidadela infernal, ao fundo, fora disposta a Morada dos deuses do Embaixo, o Palácio Deles, a um só tempo esplêndido, como todos os Palácios, e triste, como tudo o que podia haver nos abismos silenciosos da terra” (BOTTÉRO, 2011, p. 54).

O *Abaixo* tinha sua própria hierarquia, semelhante à dos vivos, os reis permaneciam com seus títulos e, segundo algumas fontes, levavam presentes e oferendas aos deuses quando morriam para que sua estadia no Mundo dos Mortos fosse tranquila. Em documentações como *Gilgameš Enkidu e os Infernos* e *A morte de Ur-nammu*²⁴, percebemos a importância da organização social para a *sobrevivência* do morto. De um lado encontramos os reis e sua família, que podiam arcar com uma existência repleta de luxos do Mundo dos Mortos. Do outro, as classes mais baixas, não tinham tanta sorte e dependiam fortemente da atenção familiar para uma estadia menos sofrida.

Ereškigal e, em algumas tradições, seu marido Nergal, eram os deuses responsáveis por governar sobre todos os mortos. Entretanto, existiam outros deuses cuja função era assistir ao casal, por exemplo, os Anunna, um conselho de sete juízes responsáveis por realizar os julgamentos dos mortos. Se os mortos estavam insatisfeitos com a forma como eram tratados pela família, havia a possibilidade de seu retorno como fantasma para atormentá-los. Sendo assim, o processo pelo qual os mortos passavam, era irreversível e ditado pela vida vivida, relação familiar e estrato social ocupado.

Em nosso documento a entrada da deusa Inana no mundo dos mortos não se dá pela maneira convencional, o enterramento, visto que ela está viva. Por isso, das linhas 6 a 25 temos um momento de preparação para a viagem, em que a deusa se adorna com diversos artigos de vestiário. Antes de partir definitivamente Ninshubur, a cortesã de Inana, recebe as seguintes ordens:

²⁴ Disponíveis em *The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature*.

28-31 A sagrada Inana disse à Ninshubur “Venha minha fiel cortesã de *E-ana*. Minha cortesã que profere honestas palavras. Minha acompanhante que profere palavras confiáveis. (1 ms. tem no lugar: lhe darei instruções: minhas instruções devem ser seguidas, direi algo a ti, que deve ser escutado)

32-36 “Neste dia descerei ao mundo inferior. Quando lá eu chegar, chore por mim nas ruínas da colina. Toque o tambor no santuário para mim. Vigie a casa dos deuses por mim.”

37-40 “Lacere teus olhos por mim, lacere teu nariz por mim, (1ms. adiciona: Em público, lacere tuas orelhas por mim) Sozinha lacere tuas coxas por mim. Como uma miserável, veste apenas um único traje e sozinha vá a E-Kur, a casa de Enlil”.

41-47 “Quando entrares em E-kur, a casa de Enlil, lamente em sua frente. “Pai Enlil, não permita que ceifem a vida de sua filha no mundo dos mortos. Não permita que teu precioso metal toque no solo do mundo inferior. Não permita que teu precioso lápis-lazuli rache junto à pedra do pedreiro. Não permita que tua madeira seja cortada junto à madeira do carpinteiro. Não permita que a jovem Inana seja morta no mundo inferior.”

48-56 “Se Enlil não me amparar, vá a Urim. No E-mud-kura em Urim, quando entrares o E-mud-kura, a casa de Nanna, lamente em sua frente “Pai Nanna, não permita que ceifem a vida de sua filha no mundo dos mortos Não permita que teu precioso metal toque no solo do mundo inferior. Não permita que teu precioso lápis-lazuli rache junto à pedra do pedreiro. Não permita que tua madeira seja cortada junto à madeira do carpinteiro. Não permita que a jovem Inana seja morta no mundo inferior.”

57-64 “E se Nanna não me amparar, vá a Eridug. Em Eridug, quando tiveres entrado na casa de Enki, lamente em sua frente. Pai Enki, não permita que ceifem a vida de sua filha no mundo dos mortos Não permita que teu precioso metal toque no solo do mundo inferior. Não permita que teu precioso lápis-lazuli rache junto à pedra do pedreiro. Não permita que tua madeira seja cortada junto à madeira do carpinteiro. Não permita que a jovem Inana seja morta no mundo inferior.”

65-67 “Pai Enki, senhor de magnífica sabedoria, sabe da planta e da água da vida. É ele que me trará de volta à vida”.

68-72 Quando Inana partiu em direção ao mundo inferior, sua cortesã Ninshubur a acompanhou na retaguarda. Ela disse a cortesã “Vá minha Ninshubur e preste atenção, não negligencie as instruções que lhe foram dadas” (ETCSL, 2017, tradução da autora).

As solicitações de Inana demonstram a necessidade do lamento, ao pedir à Ninshubur que se comporte de maneira a honrar a deusa tocando o tambor, fazendo vigílias, vestindo-se de maneira simples e desferindo golpes contra si mesma. O conjunto dessas atividades constrói uma representação do luto, a partir do entendimento sumério²⁵.

Dito isso, a deusa segue viagem até os Grandes Portões, não sabemos se todos os buracos na terra poderiam nos levar ao Mundo dos Mortos, mas as documentações mais

²⁵ Segundo Adriano Scandolara, em sua tradução da *Descida*, orientada pelos estudos de Thorkild Jacobsen “O fenômeno do luto no mundo antigo era bastante performático, incluindo muitas vezes gestos de automutilação” (SCADOLARA, 2022, p. 122)

explícitas mencionam O Grande Portão que fica no Leste do mundo sumério (BOTTÉRO, 1987, p. 145). A viagem, para os sumérios, era entendida como desafiadora e requeria muitos recursos como água, comida e roupas, além disso, o perigo é constante, pois animais e demônios ficam à espreita. Após esse trajeto, haveria um barqueiro responsável por atravessar a fronteira entre os dois mundos. O barqueiro não é mencionado durante a *descida*.

Nesse ponto, atingimos o momento em que Inana consegue chegar aos Grandes Portões. Neti, o porteiro, permite sua entrada após a autorização de Ereškigal, que aparenta estar profundamente incomodada com a presença da irmã.

73-77 Quando Inana chegou ao palácio Ganzer, empurrou os portões do mundo inferior brutalmente. Ela gritou no portão do mundo inferior “Abra, porteiro, Abra. Abra Neti, Abra. Estou sozinha e desejo entrar. (ETCSL, 2017, tradução da autora)

Para chegar até o palácio de Ereškigal, Neti explica que existem regras importantes a serem seguidas, em cada porta que passarem, Inana deve remover uma peça de sua roupa, removendo, conseqüentemente, seus poderes divinos.

114-122 Ao ouvir isso, Ereškigal golpeou em sua coxa, mordeu seu lábio e acreditou nas palavras ditas. Ela disse à Neti, o porteiro chefe “Vem Neti, porteiro chefe do mundo inferior, não negligencie minhas instruções. Deixe que os sete portões do mundo inferior sejam trancados. Então deixe que cada porta do palácio Ganzer abra separadamente. Quanto a ela, após entrar, se agachar e tirar suas vestes, elas serão levadas embora. (ETCSL, 2017, tradução da autora).

Segundo Katz (1995), não há referência alguma sobre qualquer regra ou tradição que exigia a retirada de roupas, ou que o morto devia ser enterrado nu. Entretanto, a solicitação é que sejam seguidas *as regras* do Mundo dos Mortos, por isso, a cada uma das sete portas que atravessa, uma peça de roupa é removida.

129-133 Quando Inana entrou, o turbante, acessório para o campo, foi removido de sua cabeça. “O que é isto?” “Sossega, Inana, um poder divino do mundo inferior foi completo. Inana, não debes abrir tua boca para contradizer os rituais do mundo inferior.” (ETCSL, 2017, tradução da autora).

Devido a esse trecho, pesquisadores levantaram a hipótese de que os defuntos eram enterrados nus no período sumério. Porém, Katz (1995), além de mencionar a ausência de documentações que corrobora esse trecho da *descida*, mostra que as evidências arqueológicas também destoam dessa proposta.

Evidências arqueológicas de tumbas afirmam que os mortos eram enterrados vestidos e com itens pessoais. Um exemplo óbvio é a tumba de Pu-abi em Ur. A rainha estava usando sua coroa e a parte superior de seu corpo estava coberta de miçangas feitas de ouro, prata e pedras preciosas, que provavelmente estavam presos em algum tecido que desapareceu com o tempo (KATZ, 1995, p. 222).

Sendo assim, a pesquisadora surgiu com uma nova ideia, apresentada em *Inanna's Descent and Undressing the Dead as a Divine Law* (1995), a proposta seria compreender a remoção das roupas como estratégia de Ereškigal para remover os poderes de Inana pouco a pouco, para que, assim, quando Inana chegasse ao seu encontro, ela já não tivesse poder algum de tomar o mundo dos mortos para si. Apesar de concordarmos com a hipótese de Katz, a retirada das roupas nos pareceu um recurso simbólico para demonstrar que a morte leva tudo que temos, seguimos para isso Bottéro (1997, p. 278), que defende que: “É provável que o que é contado na *descida* sobre a retirada de roupas gradual da deusa [...] expressa o desenvolvimento de uma ideia de que a morte tira tudo de nós”.²⁶

Estratégia ou simbolismo, quando Inana finalmente chega até Ereškigal para roubar o trono, ela recebe o julgamento dos Anunna²⁷, que a condenam a morte. “É verdade que os infernais Anunnaki [...] eram comumente apresentados como *juízes*, oferecendo vereditos para as pessoas do *abaixo*. [...]. Mas, na Mesopotâmia, essas expressões ocupam um campo semântico que é maior do que apenas o exercício do poder judicial” (BOTTÉRO, 1995, 278). Com isso, Bottéro quer dizer que os julgamentos que estamos acostumados não se assemelham a esses, os Anunna lidavam pessoalmente com cada um dos mortos, assegurando sua estadia.

164- 172 Depois de agachar-se e ter suas vestimentas removidas, elas foram levadas. Então ela fez sua irmã Ereškigal levantar-se de seu trono, e em seu lugar ela se sentou. Os Anuna, os sete juízes, manifestaram sua decisão contra Inana. Eles olharam para ela, aquele era o olhar da morte. Eles falaram com ela, aquela era a fala da raiva eles gritaram com ela, aquele era o grito da culpa. A mulher afligida transformou-se em um corpo. E esse corpo foi pendurado em um gancho. (ETCSL, 2017, tradução da autora).

Como Ninshubur cumpriu todas as ordens, Inana foi salva pelo deus Enki, que se compadeceu com sua situação, diferentemente de Enlil e Nanna, que reconheceram as ações da deusa como inconsequentes. O resgate foi realizado por duas criaturas criadas por Enki, uma carregava a água que dá vida e a outra a planta que dá a vida.

254-262 O Gala-tura e o Kur-Jara foram atentos às instruções de Enki. Voaram pela porta como moscas. Passaram pelas dobradiças como fantasmas. A mãe que deu à luz, Ereškigal, por causa dos filhos, estava lá deitada. Seus ombros sagrados não estão cobertos por linho. Seus seios não estão cheios como um barco (a parte em que se guardam as coisas no barco) Suas unhas como alivão(?) sobre ela. Seu cabelo está enrolado como folhagens do alho poró

²⁶ “It is probable that what is told in *Inanna's/Ishtar's Descent to the Nether- World about the gradual undressing of the newly arrived goddess [...] expresses a development of the same basic idea that death takes everything from us*” (BOTTÉRO, 1997, p. 278)

²⁷ Anuna, Anunna ou Anunnaki

263- 272 Quando ela disse “oh meu coração...”, eles responderam “Senhora, você está incomodada, oh seu coração” Quando ela disse “oh meu fígado”, eles responderam “Senhora, você está incomodada, oh seu fígado”. Quando ela perguntou “Quem são vocês? Falo com vocês do meu coração para os teus corações, do meu fígado para teus fígados – Se são deuses, deixem-me falar com vocês; se são mortais, que um destino seja decretado a vocês” Façam-a jurar pelo céu e pela terra. Eles....(ETCSL, 2017, tradução da autora).

Entre as linhas 254 a 272, a deusa Ereškigal é apresentada como uma mãe enlutada após a morte de seu filho, segundo Thorkild Jacobsen “Ereškigal é apresentada como alguém que lamenta de maneira típica pela morte de seus filhos; ela rasgou suas roupas, arranhou-se e arrancou fios de cabelo, que são os gestos comuns do lamento” (JACOBSEN, 1997, p.219)²⁸. Além disso, o autor também afirma que quando as criaturas criadas por Enki se juntam à Ereškigal para lamentar junto dela e consolá-la estamos diante de um ato de bondade, lamentar com alguém era um ato bastante valorizado na suméria, por isso Ereškigal aceita devolver o corpo de Inana ao mundo dos vivos (JACOBSEN, 1997, p.219).

A partir desse momento na narrativa, fica clara, mais uma vez, a importância do luto e do cumprimento dos rituais estabelecidos, pois são eles que garantem o bem-estar dos mortos. Entretanto, em nosso documento em específico eles são um recurso que garantem o retorno da deusa.

217-225 Pai Enki respondeu à Ninshubur: “O que minha filha fez? Ela me preocupa. O que fez Inana? Ela me preocupa. O que fez a senhora de todas as terras? Ela me preocupa. O que fez a Hieródula de An? Ela me preocupa.” (1 ms. Pai Enki ajudou-a) Pai Enki a amparou. Ele retirou terra da ponta de sua unha e criou o Kur-Jara. Ele retirou a terra da ponta de sua unha e criou o Gala-Tura Ao Kur-Jara concedeu a planta que dá vida. Ao Gala-Tura concedeu a água que dá vida. (ETCSL, 2017, tradução da autora).

O retorno da deusa foi conturbado, ela precisaria selecionar um substituto para ocupar seu lugar no mundo dos mortos, durante a jornada, ela é acompanhada por demônios responsáveis por capturas o escolhido da deusa.

295-305 Aqueles que a acompanharam, aqueles que acompanharam Inana, não conhecem o alimento, não conhecem a bebida, Não comem farinha oferecida e não bebem, Não aceitam boas oferendas, Nunca conheceram o abraço dos noivos, Nunca viram uma doce criança para beijar, Eles tomam a esposa dos braços do esposo, Eles tomam a criança das pernas do pai, Eles fazem com que a noiva deixe a casa do sogro, (300-305 1 ms. Eles tomam a esposa dos braços do esposo. Eles tomam a criança dos seios da ama) (1 ms. Não amassam o alho amargo, não comem peixe, não comem alho-poró, eram eles que acompanhavam inana) (ETCSL, 2017, tradução da autora).

²⁸ Tradução da autora: *Ereškigal is presented as a typical mourner, a mother lamenting the death of her young children; she has rent her clothes, clawed herself with her nails, pulled her hair in the established gestures of grief.* (JACOBSEN, 1997, P.219)

Quando prestamos atenção ao trecho das linhas 295 a 305, percebemos a miserabilidade em que se encontram as criaturas que habitam o Mundo dos Mortos, pois nunca puderam desfrutar das benesses que a vida oferece. Por outro lado, os humanos falecidos, já foram capazes de aproveitar de todas essas coisas, porém já não podem mais, talvez o único resquício de conexão que ainda resta são as relações familiares e as práticas realizadas que incluem o falecido no cotidiano dos vivos, ao enterrá-lo em casa, sanar sua sede e fome. Segundo Bottéro, preservar a memória, o nome do defunto era mais do que necessário, “Alguém precisava proteger a sobrevivência do morto de alguma forma, em primeiro lugar pronunciando seu nome na terra para que não caísse no esquecimento” (BOTTÉRO, 1995, p. 281). Desse modo, compreendemos que os mortos jamais deixavam de existir e era isso que garantia uma existência melhor no Mundo dos Mortos.

À medida que Inana realiza o caminho de volta, ela se depara com diversas divindades secundárias que ficam bastante alegres ao vê-la bem.

306- 310 Quando Inana deixou o mundo dos mortos, Nuncubura atirou-se em seus pés na porta do Ganzer. Ela havia sentado na poeira e vestia roupas sujas. Os demônios disseram à divina Inana: “Inana, segue para tua cidade, nós vamos levá-la” A divina Inana respondeu: “Esta é minha ministra que diz palavras justas, minha acompanhante que fala com verdade. Ela não esqueceu minhas instruções. Ela não negligenciou as ordens que dei. Ela lamentou por mim nas ruínas. Bateu o tambor por mim nos santuários. Ela caminhou pela casa dos deuses. Por mim, ela lacerou seus olhos. Por mim, ela lacerou seu nariz por mim (1 ms. Por mim, ela lacerou suas orelhas em público). Por mim, ela lacerou sozinha suas nádegas. Como uma miserável, vestiu apenas um único traje.

322-328 Totalmente sozinha ela foi até o E-kur, até a casa de Enlil, e a Urim, a casa de Nana, e a Eridug, a casa de Enki (1 ms. ela lamentou em frente a Enki). Ela me trouxe de volta a vida, como eu poderia entregá-la a vocês? “Continuamos, Continuamos até Sig-Kur-Caga em Umma”.

329-333 No Sig-kur-caga, em Umma, Cara, em sua própria cidade, atirou-se nos pés dela. Ele havia sentado na poeira e vestia roupas sujas. Os demônios disseram à divina Inana: “Inana, segue para tua cidade, nós vamos levá-lo”

334-343 A divina Inana respondeu: “Cara é meu cantor, minha manicure e meu cabeleireiro. Como eu poderia entregá-lo a vocês? Continuamos, Continuamos até o E-muc-kalama em Bad-tibira”

339-343 No E-muc-kalama em Bad-tibira, Lulal, em sua própria cidade, atirou-se nos pés dela. Ele havia sentado na poeira e vestia roupas sujas. Os demônios disseram à divina Inana: “Inana, segue para tua cidade, nós vamos levá-lo”

344-347 A divina Inana respondeu: “Ilustre Lulal, me segue para onde for. Como eu poderia entregá-lo a vocês?” “Continuamos, continuamos até a grande macieira, na planície de Kulaba”.

348-353 Eles a seguiram até a grande macieira na planície de Kulaba. Lá estava Dumuzid, trajando maravilhosas roupas e sentado em um maravilhoso trono. Os demônios o seguraram pelas coxas. Os sete serviram o leite da

manteigueira. Os sete acenaram com a cabeça como..... Eles não deixariam que o pastor tocasse a gaita e a flauta na frente dela (?)

354-358 Ela olhou para ele, era o olhar da morte. Ela falou a ele, era a fala da raiva. Ela gritou com ele, era o grito da culpa. ‘Quanto tempo ainda levará? Levem-no embora’ A divina Inana entregou Dumuzid o pastor em suas mãos. (ETCSL, 2017, tradução da autora).

Diferente de Dumuzid, todas as outras divindades apresentadas nesses trechos, visivelmente estavam enlutadas pelo falecimento de Inana e estavam se comportando de maneira coerente com alguém que lamenta. Segundo Jacobsen, em sua tradução da *descida*, vestir-se de maneira simples, realizar a automutilação e o toque do tambor são todos elementos característicos do lamento e do processo de luto na suméria (1997), por isso comportamento divergente de Dumuzid causou a ira de Inana que o condena ao mundo dos mortos.

A partir disso, somos capazes de relacionar os acontecimentos entre as linhas 28 a 72, em que Inana dá ordens à Ninshubur, ressaltando a importância do luto e do ato de lamentar como forma de honrar a deusa, algo que também era esperado de seu marido, visto à importância das relações familiares diante da perda de um parente relatadas nesta monografia. Da linha 306 até a 358, encontramos novamente Ninshubur, alegre com o retorno de Inana, bem como outras duas divindades secundárias, que assistiam à deusa Inana, e que também aparentavam estar passando pelo processo de luto. Por isso, quando Inana precisa escolher um substituto, ela opta por Dumuzid.

Sendo assim, *A descida de Inana ao Mundo dos Mortos*, nos possibilitou compreender com mais profundidade a história suméria a partir das experiências culturais e históricas desenvolvidas a partir da morte. Nesta monografia, nos utilizamos do termo Mitologia da Morte para relacionarmos o processo que ocasionou o surgimento de um imaginário de narrativas míticas envoltas na temática da morte de maneira a sanar as aflições da sociedade suméria a respeito do assunto. Segundo Zdebskiy,

Os ritos são a própria experiência a partir do mito. Assim, os ritos funerários também expressam aspectos da vida e cosmovisões diversas dos antigos sumérios, suas concepções sobre o contexto da vida após a morte, além de nos trazer possibilidades de compreender a relação dos vivos com seus entes falecidos. (ZDEBSKIY, 2022, p. 232)

A necessidade de conhecer o desconhecido, movida pelo medo e pela incerteza, levou os sumérios a desenvolver histórias capazes de ocupar as lacunas habitadas pela morte. O luto e o lamento foram fundamentais no processo de desenvolvimento da *descida*, elementos que estão espalhados por toda a narrativa, que tem por objetivo ensinar o peso que o luto ocupa na

sociedade, como foi apontado por Jacobsen, ao inferir a importância do luto como fenômeno particular de cada indivíduo, no tocante aos rituais estabelecidos pela cultura, mas também como uma expressão coletiva já que o falecido possuía sua própria rede de amizades e família que lamentavam sua perda em conjunto, prestando apoio uns aos outros. (JACOBSEN, 1997). Não há como depreender, a partir da narrativa, os elementos citados anteriormente, sem que seja realizado um profundo estudo sobre as experiências históricas relacionadas à Mitologia da Morte, enquanto processo cultural que desenvolve subsídios para o surgimento de narrativas, como o documento analisado. Para que pudéssemos realizar tal estudo, autores como Kramer e Bottéro, foram bastante decisivos, visto que, em seus textos, encontramos definições a respeito dos processos funerários e dos eventos que vinham a acontecer com o falecido no momento em que adentrava o mundo dos mortos. O diálogo com a produção historiográfica dos autores citados no decorrer da monografia, buscou explicar como a *descida* realizou um diálogo com uma sociedade, que apesar de reconhecer seu destino inevitável, ainda acreditava no estabelecimento de responsabilidades que deveriam ser cumpridas pelos vivos de modo a honrar os mortos e auxiliá-los no Mundo dos Mortos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Bottéro (1987), pensando a sociedade suméria, o nada não podia ser imaginado por pessoas que baseavam seu conhecimento no concreto e no material. Os sumérios também não acreditavam que o morto deixaria de existir definitivamente. Por este motivo, eles desenvolveram um universo complexo capaz de explicar suas aflições, mas, apesar de imaginárias, essas crenças não podem ser desconsideradas hoje por simplesmente não corresponderem mais os paradigmas da atualidade. Os mitos são realidades de culturas antigas, repletos de conhecimento e capazes de nos revelar fragmentos importantes da História. Sendo assim, *A descida de Inana ao mundo dos mortos* é um documento imprescindível para o conhecimento da cultura Suméria e oferece diversas perspectivas historiográficas a respeito de do assunto.

Dito isso, nessa monografia, nos propusemos realizar análises sobre alguns dos aspectos específicos da *descida*, com o objetivo de contribuir com a produção historiográfica bastante recente do mito. Para além da busca inicial, a pesquisa revelou que a morte trazia consigo uma série de responsabilidades para ambos os hemisférios, a família devia guardar e respeitar os túmulos. Também é perceptível que os sumérios consideravam importante a preservação da

personalidade dos mortos, ao enterrá-los com pertences pessoais e guardando sua memória, jamais podendo se esquecer de quem eram, convidando-os até para banquetes e esperando que os mortos intervissem quando seus parentes vivos estivessem passando por problemas.

Os sumérios acreditavam que sua existência estava atrelada a um propósito escrito pelos deuses, e que não havia possibilidade de fugir do fim eminente, como observado na *A Epopeia de Gilgamesh*. Entretanto, mesmo que o futuro de todos já estivesse decidido, aceitar o vazio não parecia ser uma alternativa, não se pode compreender ou imaginar o que não existe, era imperativo que houvesse um *depois*.

A morte em si mesma era, aos olhos Deles, o "destino" dos homens. Quando os deuses os criaram, tomaram o cuidado de dotá-los de todas as qualidades necessárias para realizar com eficácia seu papel inato de "trabalhadores"; porém, no intuito de distingui-los radicalmente de Si mesmos, para que jamais lhes viesse à mente a ideia de se alçar ao lugar de seus senhores, Eles os tinham feito de argila, matéria à qual deveriam retornar ao fim de um tempo, pois, na língua do país, "morrer" também se dizia "retornar à sua argila", alusão às ossadas que se transformam, ao fim, como ainda dizemos, em pó... (BOTTERO, 2011, p. 50).

Grande parte desses elementos não constam no mito de Inana, contudo isso não significa que ele não tenha contribuição nenhuma para o modo como a Suméria tratava culturalmente seus mortos. Pois, a *descida*, enquanto Mitologia da Morte, demonstra uma tradição funerária representada através dos lamentos, e a presença de um Mundo dos Mortos com deuses, guardiões e juízes bastante reais. Esses padrões são corroborados por outras documentações, como *Gilgamesh*, *Enkidu e os Infernos* e *A morte de Ur-nammu*.

Consideramos o luto e lamento como temas centrais do mito, pois, a seu modo, são eles que salvam inana e condenam Dumuzid²⁹. Primeiramente, temos Ninshubur que seguiu os rituais de automutilação, chorou pela deusa e, por fim, implorou a Enki que salvasse Inana. Depois temos outras duas divindades secundárias que também parecem ter seguido algum tipo de ritual, e finalmente Dumuzid, que trajava boas roupas³⁰ e sentava em um maravilhoso trono, completamente destoando das roupas sujas e empeiradas vestidas pelas outras figuras citadas. Isso somado a ideia de que era imprescindível cuidar dos mortos para não os enfurecer, nos

²⁹ É necessário ressaltar a excepcionalidade dessa situação. Inana não é um ser humano e sua jornada ao mundo dos mortos não pode ser reproduzido. O mundo dos mortos era *A Terra sem Retorno*, como observado pelo deus Nana “204-208 Enfurecido, pai Nanna, respondeu à Ninshubur: “Minha filha desejou o grande céu e desejou a terra vasta. Inana desejou o grande céu e desejou a terra vasta. Os poderes divinos da terra vasta não devem ser desejados, pois quem os possui deve permanecer lá. Quem, ao ir a tal lugar, espera voltar novamente?” (ETCLS, 2017, tradução da autora)

³⁰ “*Dumuzi’s festive attire— contrasting so glaringly with the mourning garb he should have been wearing, desolate at the loss of Inanna— understandably triggers Inanna’s jealousy in a flash of hot anger.*” (JACOBSEN, 1997, p. 225)

mostra que a forma como se sentia Nino luto era importante e vivido coletivamente, visto que havia uma imposição de comportamento adequado a ser seguido.

Além disso, como foi observado ao longo dos tópicos desenvolvidos nesse Trabalho de Conclusão de Graduação, falar sobre o Antigo Oriente Próximo é uma tarefa bastante complexa, que às vezes necessita de tomada de decisões arbitrárias, para que certos momentos históricos sejam compreendidos. Por isso, essa pesquisa, apesar de desafiadora, enriqueceu nosso conhecimento sobre a Antiguidade, como também nos auxiliou no desenvolvimento de novos questionamentos e hipóteses, como a relação entre a constante aparição do número sete como um possível símbolo de completude cósmica, que é ameaçada por Inana, quando ela tenta tomar controle do Mundo dos Mortos. Para nós, o mito também poderia representar a inevitabilidade de morte ao demonstrar que ao tentar conquistar o Mundo dos Mortos, Inana está tentando interferir na ordem divina pré-estabelecida pelos deuses, a *ordem das coisas*, que seria a divisão entre o *Acima* e o *Abaixo*. Esperamos poder responder em um futuro próximo em outros projetos de pesquisa, esses questionamentos que ainda necessitam de embasamentos historiográficos mais concisos.

Apesar de nossos paradigmas contemporâneos serem profundamente diferentes da realidade suméria, a morte é atemporal e inevitável. Cada cultura desenvolveu seus próprios mecanismos para compreendê-la, a *descida de Inana* não tinha o objetivo de resolver esse problema, mas sim demonstrar a forma correta de como lidar com a partida de alguém.

REFERÊNCIAS

- BERNABÉ, Alberto. **What is a Katábais: the descent into Nether-World in greece and ancient Near East.** *Les études classiques*, v. 83, p. 15-34, 2015.
- BLACK, Jeremy A. et al. **The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature (ETCSL).** Oxford: University of Oxford: 1998–2006. Disponível em: <http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/>. Acesso em: 09/04/2023
- BOTTÉRO, Jean. **No começo eram os deuses**, Tradução de Marcelo Jacques de Moraes, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.
- BOTTÉRO, Jean. **Mesopotamia: Writing, Reasoning, and the Gods.** Tradução de Zainab Bahrani; Marc Van De Mieroop. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1987.
- BRANDÃO, Jacyntho, Lins. **Ao Kurnnugu, terra sem retorno, descida de Ishtar ao mundo dos mortos.** Kotter, 2019.
- CRAWFORD, Harriet. **Introduction.** In: CRAWFORD, Harriet (org.). *The Sumerian World.* London/New York: Routledge, 2013, p. 13-32.
- DUPLA, Simone, **Quando os deuses copulavam: a sexualidade da deusa Inanna no Antigo Oriente Próximo.** *Temporalidades, Revista de História*, ISSN 1984-6150, Edição 21, V. 8, N. 2, maio/agosto 2016
- KATZ, Dina. **Inanna's Descent and Undressing the Dead as a Divine Law,** *Zeitschr. f. Assyriologie* Bd. 85, S. 221-233.
- EDZARD, D. O., JACOBSEN, T., **The Harps That Once...: Sumerian Poetry in Translation,** Universidade de Yale, *Journal of the American Oriental Society.* 1987.
- FINLEY, Moses. **Mito, memória e História.** In: *Uso e abuso da história.* São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 03-27.
- GUARINELLO, N. L. **Uma Morfologia da História: As Formas da História Antiga.** *Politeia História e Sociedade*, [s. l.], v. 3, n. 1, 2010
- KRAMER, Samuel Noah. **Death and Nether World According to the Sumerian Literary Texts.** British Institute for the Study of Iraq and Cambridge University Press, Vol. 22, 1960, p. 59-68
- LEICK, Gwendolyn, **A dictionary of Ancient Near East Mitology.** Routledge, 1991.
- LIVERANI, Mario. **Antigo Oriente, História, Sociedade e Economia.** Tradução: Ivan Esperança Rocha, Edusp. São Paulo, 2016.
- MILLARD, A. BIENKOWSKI, P. **Dictionary of the Ancient Near East.** PENN, Pennsylvania 2000.
- OTTERMANN, Monika. **Morte e Ressurreição na Suméria: A “Descida ao Inferno” de Inana e de Dumuzi e processos de posse e perda de poderes divinos e humanos.** *Oracula*, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 3, 2006, p. 1-17

POZZER, K.P.M **Inanna, antes da poesia ser palavra, era mulher.** In: FLORES, Guilherme Gontijo; SCANDOLARA, Adriano. Inana – Antes da poesia ser palavra era mulher. São Paulo: Sobinfluencia, 2022, p. 7-11

POZZER, K.P.M, **Uma viagem ao Mundo dos Mortos: histórias de amor e ódio da Mesopotâmia.** In: CARVALHO, Margarida Maria, OMENA, Luciane Munhoz, Narrativas e Materialidades sobre a morte nas Antiguidades Oriental, Clássica e Tardia. CRV, Curitiba, 2018.

SCANDOLARA, Adriano. **A Descida de Inana ao mundo dos mortos.** In: FLORES, Guilherme Gontijo; SCANDOLARA, Adriano. Inana – Antes da poesia ser palavra era mulher. São Paulo: Sobinfluencia, 2022, p. 83-130.

ZDEBSKYI, Janaína de Fátima. **A deusa precisa ser satisfeita: Guerra, morte e sexo na Suméria nos atributos da deusa Inanna.** Dissertação (doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018a. Disponível em: <https://pergamum.ufsc.br/acervo/381363>. Acesso em: 01 outubro. 2023.

APÊNDICE

TRADUÇÃO - A DESCIDA DE INANA AO MUNDO DOS MORTOS

1-5 Do grandioso céu ela voltou sua atenção para a terra vasta. Do grandioso céu a deusa voltou sua atenção para a terra vasta. Do grandioso céu, Inana voltou sua atenção para a terra vasta. Minha senhora, abandonou o céu, abandonou a terra e desceu ao mundo inferior. Minha senhora, abandonou o céu, abandonou a terra e desceu ao mundo inferior. Inana abandonou o céu, abandonou a terra e desceu para o mundo inferior.

6-13 Ela deixou o templo de *En*. Ela deixou o templo de *Lagar*. E desceu ao mundo inferior. Ela deixou *E-ana* em *Unug*. E desceu ao mundo inferior. Ela deixou *E-muc-Kalama* em *Bad-tibira*. E desceu ao mundo inferior. Ela deixou *Giguna* em *Zabalam*. E desceu ao mundo inferior. Ela deixou *E-cara* em *Abad*. E desceu ao mundo inferior. Ela deixou *Barag-dur-jara* em *Nibru*. E desceu ao mundo inferior. Ela abandonou *Hursaj-Kalama* em *Kic*. E desceu ao mundo inferior. Ela abandonou *E-Ulmac* em *Agade*. E desceu ao mundo inferior.

14-19 Ela levou os sete poderes. Ela coletou poderes divinos e os segurou em sua mão. Com grandes poderes divinos, ela seguiu seu caminho. Ela colocou um turbante, para protegê-la no campo, na cabeça, ajeitou o cabelo em sua testa. Com um colar de lápis-lazúli ela adornou seu pescoço.

20-25 Ela cobriu seu peito com duas pedras ovulares. Ela cobriu seu corpo com um vestido de *pala*, o traje das senhoras. Ela passou maquiagem nos olhos que atraem “Deixe o homem vir, deixe-o vir”. Vestiu um peitoral que atrai “Venha homem, venha”. Em sua mão colocou um anel dourado. Ela segurou o bastão e a linha de medição de lápis-lazúli em suas mãos.

26-27 Inana viajou ao mundo dos mortos, sua cortesã Ninshubur a acompanhou na retaguarda.

28-31 A sagrada Inana disse à Ninshubur “Venha minha fiel cortesã de *E-ana*. Minha cortesã que profere honestas palavras. Minha acompanhante que profere palavras confiáveis. (1 ms. tem no lugar: Ihe darei instruções: minhas instruções devem ser seguidas, direi algo a ti, que deve ser escutado)

32-36 “Neste dia descerei ao mundo inferior. Quando lá eu chegar, chore por mim nas ruínas da colina. Toque o tambor no santuário para mim. Vigie a casa dos deuses por mim.”

37-40 “Lacere teus olhos por mim, lacere teu nariz por mim, (1ms. adiciona: Em público, lacere tuas orelhas por mim) Sozinha lacere tuas coxas por mim. Como uma miserável, veste apenas um único traje e sozinha vá a E-Kur, a casa de Enlil”.

41-47 “Quando entrares em E-kur, a casa de Enlil, lamente em sua frente. “Pai Enlil, não permita que ceifem a vida de sua filha no mundo dos mortos. Não permita que teu precioso metal toque no solo do mundo inferior. Não permita que teu precioso lápis-lazuli rache junto à pedra do pedreiro. Não permita que tua madeira seja cortada junto à madeira do carpinteiro. Não permita que a jovem Inana seja morta no mundo inferior.”

48-56 “Se Enlil não me amparar, vá a Urim. No E-mud-kura em Urim, quando entrares o E-mud-kura, a casa de Nanna, lamente em sua frente “Pai Nanna, não permita que ceifem a vida de sua filha no mundo dos mortos Não permita que teu precioso metal toque no solo do mundo inferior. Não permita que teu precioso lápis-lazuli rache junto à pedra do pedreiro. Não permita que tua madeira seja cortada junto à madeira do carpinteiro. Não permita que a jovem Inana seja morta no mundo inferior.”

57-64 “E se Nanna não me amparar, vá a Eridug. Em Eridug, quando tiveres entrado na casa de Enki, lamente em sua frente. Pai Enki, não permita que ceifem a vida de sua filha no mundo dos mortos Não permita que teu precioso metal toque no solo do mundo inferior. Não permita que teu precioso lápis-lazuli rache junto à pedra do pedreiro. Não permita que tua madeira seja cortada junto à madeira do carpinteiro. Não permita que a jovem Inana seja morta no mundo inferior.”

65-67 “Pai Enki, senhor de magnífica sabedoria, sabe da planta e da água da vida. É ele que me trará de volta à vida”.

68-72 Quando Inana partiu em direção ao mundo inferior, sua cortesã Ninshubur a acompanhou na retaguarda. Ela disse a cortesã “Vá minha Ninshubur e preste atenção, não negligencie as instruções que lhe foram dadas”

73-77 Quando Inana chegou ao palácio Ganzer, empurrou os portões do mundo inferior brutalmente. Ela gritou no portão do mundo inferior “Abra, porteiro, Abra. Abra Neti, Abra. Estou sozinha e desejo entrar.

78-84 Neti, o porteiro chefe do mundo inferior, respondeu a Inana “Quem és tu?” “Eu sou Inana e sigo para o leste” “Se tu és Inana e segue para o leste, por que viajaste para a terra sem retorno? Por que decidi seguir o caminho daqueles que jamais retornam?”

85-89 A sagrada Inana respondeu: "Pois o senhor Gud-gal-ana, esposo de minha irmã mais velha Ereškigal, faleceu. Trago oferendas, maravilhosas bebidas para seu velório, esta é a razão”

90-93 Neti, o porteiro chefe do mundo inferior, disse à Sagrada Inana “fique aqui, Inana. Falarei com minha senhora. Falarei com minha senhora Ereškigal. E a ela direi tua mensagem.

94-101 Neti, o porteiro chefe do mundo inferior, adentrou a residência de sua senhora Ereškigal e disse, “Minha senhora, há uma mulher sozinha lá fora. É Inana, tua irmã. Ela adentrou o palácio Ganzer. Empurrou brutalmente o portão do mundo inferior gritou com brutalidade no portão do mundo inferior. Abandonou *E-ana* e desceu em direção ao mundo inferior.”

102-107 “Ela pegou os sete poderes. Ela coletou poderes divinos e os segurou em sua mão. Ela seguiu seu caminho com os grandes poderes divinos, Ela colocou um turbante, para protegê-la no campo, na cabeça, ajeitou o cabelo em sua testa. Com um colar lápis-lazuli ela adornou seu pescoço.

108-113 Ela cobriu seu peito com duas pedras iguais. Ela cobriu seu corpo com um vestido de *pala*, o traje das senhoras. Ela passou maquiagem nos olhos que chamam “Deixe o homem vir, deixe-o vir”. Vestiu um peitoral que chama “Venha homem, venha”. Em sua mão colocou um anel dourado. Ela segurou o bastão e a linha de lápis-lazuli em suas mãos”.

114-122 Ao ouvir isso, Ereškigal golpeou em sua coxa, mordeu seu lábio e acreditou nas palavras ditas. Ela disse à Neti, o porteiro chefe “Vem Neti, porteiro chefe do mundo inferior, não negligencie minhas instruções. Deixe que os sete portões do mundo inferior sejam trancados. Então deixe que cada porta do palácio Ganzer abra separadamente. Quanto a ela, após entrar, se agachar e tirar suas vestes, elas serão levadas embora.

123-128 Neti, o porteiro chefe do mundo inferior, foi atento às palavras de sua senhora. Trancou os sete portões do mundo inferior, separadamente abriu cada portal do palácio Ganzer. Ele disse à sagrada Inana “Vem Inana, entre”

129-133 Quando Inana entrou, o turbante, acessório para o ambiente externo, foi removido de sua cabeça. “O que é isto?” “Sossega, Inana, um poder divino do mundo inferior foi completo. Inana, não debes abrir tua boca para contradizer os rituais do mundo inferior.”

134-138 Quando cruzou o segundo portão, o colar de lápis lazúli foi removido de seu pescoço. “O que é isto?” “Sossega, Inana, um poder divino do mundo inferior foi completo. Inana, não debes abrir tua boca para contradizer os rituais do mundo inferior”

139-143 Quando cruzou o terceiro portão, as pedras gêmeas foram removidas de seu peito. “O que é isto?” “Sossega, Inana, um poder divino do mundo inferior foi completo. Inana, não debes abrir tua boca para contradizer os rituais do mundo inferior.”

144-148 Quando cruzou o quarto portão, o peitoral que diz “Venha, homem, venha” foi removido de seu corpo. “O que é isto?” “Sossega, Inana, um poder divino do mundo inferior foi completo, Inana, não debes abrir tua boca para contradiz os rituais do mundo inferior”

149-153 Quando cruzou o quinto portão, o anel dourado foi removido de sua mão. “O que é isto?” “Sossega, Inana, um poder divino do mundo inferior foi completo, Inana, não debes abrir tua boca para contradiz os rituais do mundo inferior”

154-158 Quando cruzou o sexto portão, bastão e a linha de medição de lápis-lazuli foram removidos de suas mãos. “O que é isto?” “Sossega, Inana, um poder divino do mundo inferior foi completo, Inana, não debes abrir tua boca para contradiz os rituais do mundo inferior”

159- 163 Quando cruzou o sétimo portão, o vestido *pala* foi removido de seu corpo. “O que é isto?” “Sossega, Inana, um poder divino do mundo inferior foi completo, Inana, não debes abrir tua boca para contradiz os rituais do mundo inferior”

164- 172 Depois de agachar-se e ter suas vestimentas removidas, elas foram levadas. Então ela fez sua irmã Ereškigal levantar-se de seu trono, e em seu lugar ela se sentou. Os Anuna, os sete juízes, manifestaram sua decisão contra Inana. Eles olharam para ela, aquele era o olhar da morte. Eles falaram com ela, aquela era a fala da raiva eles gritaram com ela, aquele era o grito da culpa A mulher afligida transformou-se em um corpo. E esse corpo foi pendurado em um gancho

173-175 Após três dias e três noites, sua ministra Ninshubur, sua ministra que diz palavras justas, sua acompanhante que fala com verdade. Seguiu as ordens de sua senhora. (1 ms. tem no lugar: Ela não esqueceu as ordens, ela não negligenciou as instruções)

176-182 Ela lamentou por ela em suas ruínas. Ela tocou o tambor nos santuários. Ela caminhou pelas casas dos deuses por ela. Lacerou seus olhos por ela, lacerou seu nariz. Sozinha lacerou suas nádegas. Como uma miserável, vestiu apenas um traje, e sozinha foi a E-Kur, a casa de Enlil.

183- 189 Quando entrou o E-kur, a casa de Enlil. Em frente à Enlil lamentou “Pai Enlil, não permita que ceifem a vida de sua filha no mundo dos mortos. Não permita que teu precioso

metal toque no solo do mundo inferior. Não permita que teu precioso lápis-lazuli rache junto à pedra do pedreiro. Não permita que tua madeira seja cortada junto à madeira do carpinteiro. Não permita que a jovem Inana seja morta no mundo inferior.”

190- 194 Enfurecido, pai Enlil, respondeu à Ninshubur: “Minha filha desejou o grande céu e desejou a terra vasta. Inana desejou o grande céu e desejou a terra vasta. Os poderes divinos da terra vasta não devem ser desejados, pois quem os possui deve permanecer lá. Quem, ao ir a tal lugar, espera voltar novamente?”

195-203 Como pai Enlil não a amparou, ela foi até Urim. No E-mud-kura, em Urim, quando ela entrou em E-kic-nu-jal, a casa de Nanna. Em frente à Nanna lamentou “Pai Nanna, não permita que ceifem a vida de sua filha no mundo dos mortos Não permita que teu precioso metal toque no solo do mundo inferior. Não permita que teu precioso lápis-lazuli rache junto à pedra do pedreiro. Não permita que tua madeira seja cortada junto à madeira do carpinteiro. Não permita que a jovem Inana seja morta no mundo inferior.

209 - 216 Como pai Nana não a amparou, ela foi até Eridug. Em Eridug, quando entrou na casa de Enki, em frente a Enki ela lamentou: Pai Enki, não permita que ceifem a vida de sua filha no mundo dos mortos. Não permita que teu precioso metal toque no solo do mundo inferior. Não permita que teu precioso lápis-lazúli rache junto à pedra do pedreiro. Não permita que tua madeira seja cortada junto à madeira do carpinteiro. Não permita que a jovem Inana seja morta no mundo inferior.”

217-225 Pai Enki respondeu à Ninshubur: “O que minha filha fez? Ela me preocupa. O que fez Inana? Ela me preocupa. O que fez a senhora de todas as terras? Ela me preocupa. O que fez a Hieródula de An? Ela me preocupa.” (1 ms. Pai Enki ajudou-a) Pai Enki a amparou. Ele retirou terra da ponta de sua unha e criou o Kur-Jara. Ele retirou a terra da ponta de sua unha e criou o Gala-Tura Ao Kur-Jara concedeu a planta que dá vida. Ao Gala-Tura concedeu a água que dá vida.

226-235 Então pai Enki disse para Gala-tura e Kur-Jara. Vão ao mundo inferior. Voem pela porta como moscas. Passem pelas dobradiças como fantasmas. A mãe que deu à luz, Ereškigal,

por causa dos filhos, está lá deitada. Seus ombros sagrados não estão cobertos por linho. Seus seios não estão cheios como um barco. Suas unhas como alvião sobre ela. Seu cabelo está enrolado como as folhagens do alho poró.

236-245 Quando ela disser “oh meu coração...”, vocês devem responder “Senhora, você está incomodada, oh seu coração” Quando ela disser “oh meu fígado”, vocês devem responder “Senhora, você está incomodada, oh seu fígado. Ela então perguntará: “Quem são vocês? Falando com você do meu coração para os teus corações, do meu fígado para teus fígados – Se são deuses, deixem-me falar com vocês; se são mortais, que um destino seja decretado a vocês” Façam-na jurar pelo céu e pela terra

1 linha fragmentada

246-253 Oferecerão um rio transbordante - não aceitem Oferecerão um campo repleto de grãos - não aceitem Digam a ela “Dá-nos o corpo pendurado no gancho” (Ela responderá) “Aquele é o corpo de sua rainha” Digam a ela ‘Que seja de nosso rei ou de nossa rainha, dá-nos’ Ela dará a vocês o corpo pendurado no gancho. Borrifem no corpo a planta que dá vida e a água que dá vida. Então Inana irá se levantar.

254-262 O Gala-tura e o Kur-Jara foram atentos às instruções de Enki. Voaram pela porta como moscas. Passaram pelas dobradiças como fantasmas. A mãe que deu à luz, Ereškigal, por causa dos filhos, estava lá deitada. Seus ombros sagrados não estão cobertos por linho. Seus seios não estão cheios como um barco (a parte em que se guardam as coisas no barco) Suas unhas como alvião(?) sobre ela. Seu cabelo está enrolado como folhagens do alho poró

263- 272 Quando ela disse “oh meu coração...”, eles responderam “Senhora, você está incomodada, oh seu coração” Quando ela disse “oh meu fígado”, eles responderam “Senhora, você está incomodada, oh seu fígado. Quando ela perguntou “Quem são vocês? Falo com vocês do meu coração para os teus corações, do meu fígado para teus fígados – Se são deuses, deixem-me falar com vocês; se são mortais, que um destino seja decretado a vocês” Façam-na jurar pelo céu e pela terra. Eles....

273- 281 Ofereceram um rio transbordante, eles não aceitaram. Ofereceram um campo repleto de grãos, eles não aceitaram. Eles disseram a ela “Dá-nos o corpo pendurado no gancho” (Ela respondeu) “Aquele é o corpo de sua rainha” a ela disseram ‘Que seja de nosso rei ou de nossa rainha, dá-nos’ Ela os deu o corpo pendurado no gancho. Borrifaram no corpo a planta que dá vida e a água que dá vida. Então Inanase levantou.

282-289 Ereškigal disse ao Gata-tura e ao Kur-jara “Tragam sua rainha....., seus....., foram apreendidos " Inana", devido às instruções de Enki, estava prestes a deixar o mundo dos mortos. Mas quando Inana estava prestes a deixar o mundo dos mortos, os Anuna a barraram “Quem já deixou o mundo inferior, já o deixou ileso? Se Inana deixar o mundo dos mortos, ela deve nos oferecer um substituto.

290- 294 Quando Inana deixou o mundo dos mortos. Aquele que estava em sua frente, apesar de não ser ministro, carregava um cetro em suas mãos. Aquele que estava atrás dela, apesar de não ser um protetor, carregava um bastão em sua cintura. Enquanto os demônios pequenos, como uma gaiola de junco. E os demônios grande, como uma cerca de junco, a cercaram por todos os lados.

295-305 Aqueles que a acompanharam, aqueles que acompanharam inana, Não conhecem o alimento, Não conhecem a bebida, Não comem farinha oferecida e não bebem, Não aceitam boas oferendas, Nunca conheceram o abraço dos noivos, Nunca viram uma doce criança para beijar, Eles tomam a esposa dos braços do esposo, Eles tomam a criança das pernas do pai, Eles fazem com que a noiva deixe a casa do sogro, (300-305 1 ms. Eles tomam a esposa dos braços do esposo. Eles tomam a criança dos seios da ama) (1 ms. Não amassam o alho amargo, Não comem peixe, Não comem alho-poró, Eram eles que acompanhavam Inana)

306- 310 Quando Inana deixou o mundo dos mortos, Nuncubura atirou-se em seus pés na porta do Ganzer. Ela havia sentado na poeira e vestia roupas sujas. Os demônios disseram à divina Inana: “Inana, segue para tua cidade, nós vamos levá-la” A divina Inana respondeu: “Esta é minha ministra que diz palavras justas, minha acompanhante que fala com verdade. Ela não esqueceu minhas instruções. Ela não negligenciou as ordens que dei. Ela lamentou por mim nas ruínas. Bateu o tambor por mim nos santuários. Ela caminhou pela casa dos deuses. Por mim,

ela lacerou seus olhos. Por mim, ela lacerou seu nariz por mim (1 ms. Por mim, ela lacerou suas orelhas em público). Por mim, ela lacerou sozinha suas nádegas. Como uma miserável, vestiu apenas um único traje.

322-328 Totalmente sozinha ela foi até o E-kur, até a casa de Enlil, e a Urim, a casa de Nana, e a Eridug, a casa de Enki (1 ms. ela lamentou em frente a Enki). Ela me trouxe de volta a vida, como eu poderia entregá-la a vocês? “Continuamos, continuamos até Sig-Kur-Caga em Umma”.

329-333 No Sig-kur-caga, em Umma, Cara, em sua própria cidade, atirou-se nos pés dela. Ele havia sentado na poeira e vestia roupas sujas. Os demônios disseram à divina Inana: “Inana, segue para tua cidade, nós vamos levá-lo”

334-343 A divina Inana respondeu: “Cara é meu cantor, minha manicure e meu cabeleireiro. Como eu poderia entregá-lo a vocês? Continuamos, Continuamos até o E-muc-kalama em Bad-tibira”

339-343 No E-muc-kalama em Bad-tibira, Lulal, em sua própria cidade, atirou-se nos pés dela. Ele havia sentado na poeira e vestia roupas sujas. Os demônios disseram à divina Inana: “Inana, segue para tua cidade, nós vamos levá-lo”

344-347 A divina Inana respondeu: “Ilustre Lulal, me segue para onde for. Como eu poderia entregá-lo a vocês?” “Continuamos, continuamos até a grande macieira, na planície de Kulaba”.

348-353 Eles a seguiram até a grande macieira na planície de Kulaba. Lá estava Dumuzid, trajando maravilhosas roupas e sentado em um maravilhoso trono. Os demônios o seguraram pelas coxas. Os sete serviram o leite da manteigueira. Os sete acenaram com a cabeça como..... Eles não deixariam que o pastor tocasse a gaita e a flauta na frente dela (?)

354-358 Ela olhou para ele, era o olhar da morte. Ela falou a ele, era a fala da raiva. Ela gritou com ele, era o grito da culpa. ‘Quanto tempo ainda levará? Levem-no embora’ A divina Inana entregou Dumuzid o pastor em suas mãos.

359-367 Aqueles que a acompanharam, que vieram por Dumuzid, Não conhecem o alimento, Não conhecem a bebida, Não comem farinha oferecida e não bebem nunca conheceram o abraço dos noivos, Nunca viram uma doce criança para beijar, Eles tomam a criança das pernas do pai, Eles fazem com que a noiva deixe a casa do sogro

368-383 Dumuzid lamentou e sua pele empalideceu. O homem levantou as mãos para o céu, à Utu: “Utu, meu cunhado, sou seu parente pelo casamento. Levei manteiga à casa de tua mãe. Levei leite para casa de Ningal. Transforme minhas mãos em mãos de cobra, transforme meus pés em pés de cobra, para escapar dos demônios, não deixe que me capturem.

376-383 Utu aceitou seu lamento, Utu transformou as mãos de Dumuzid em mãos de cobra, e seus pés em pés de cobra. Dumuzid escapou dos demônios. (1ms, como uma cobra *sajka* ele.....) Eles prenderam.....

384-393 Divina Inana chorou amargamente por seu marido.

4 linhas fragmentadas

Ela arrancou seu cabelo como esparto, puxou-os como esparto. “Mulheres que se deitam nos braços de seus maridos, onde está meu precioso marido? Crianças que se deitam nos braços dos pais, onde está minha preciosa criança? Onde está meu marido? onde.....? onde está meu marido? onde.....?”

394-398 Uma mosca falou com a divina Inana: “Se eu lhe mostrar onde seu marido está, qual será minha recompensa?”

A divina Inana respondeu “se me mostrar onde meu marido está, eu lhe darei esse presente: eu cobrirei.....”

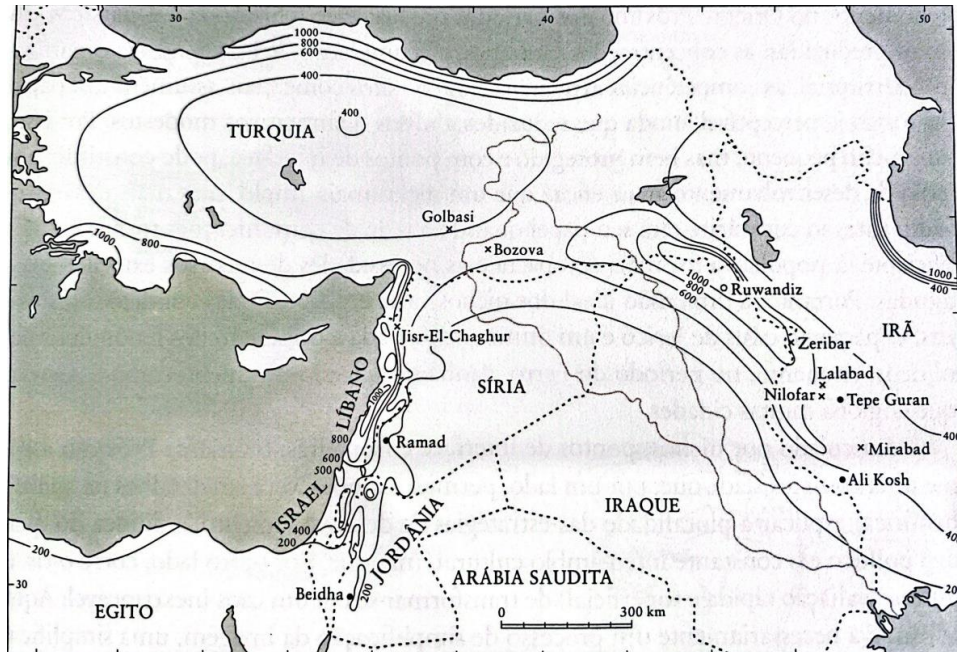
399-403 A mosca ajudou (?) a divina Inana; A jovem Inana decretou o destino da mosca: “Na cervejaria e na taverna, que esteja..... para você. Você viverá (?) como os filhos dos eruditos.” Agora o decreto do destino, decreto por Inana, se realizou.

404-410Estava chorando. Ela foi até sua irmã(?) e.... pela mão: Agora, infelizmente, minha.... Você pela metade do ano e tua irmã pela outra metade: Quando você for ordenado, nesse dia você ficará, quando tua irmã for ordenada, nesse dia você será liberada.” Sendo assim, a divina Inana deu a Dumuzid como substituto...--

411-412 Divina Ereškigal, é doce adorar-te

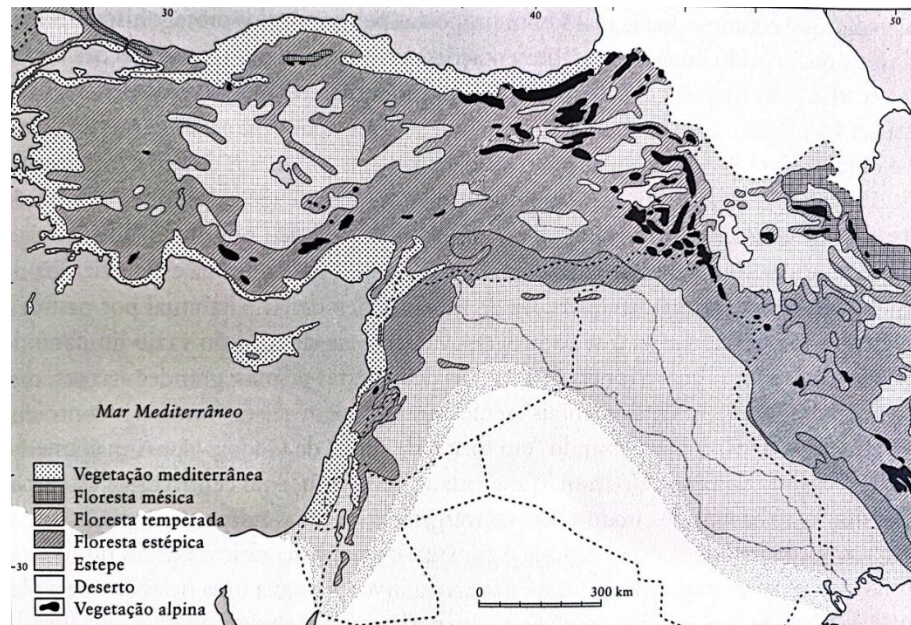
ANEXOS 1 - IMAGENS

Figura 1: Mapa atual da região da Crescente Fértil



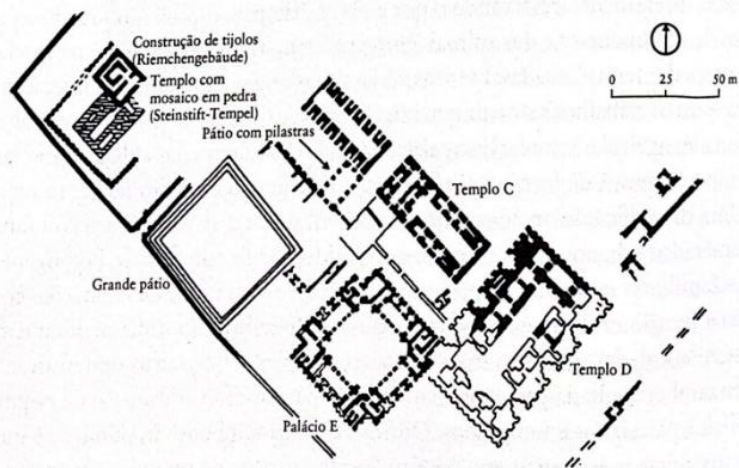
Fonte: LIVERANI, 2020, p. 47.

Figura 2: Descrição da vegetação da Crescente Fértil



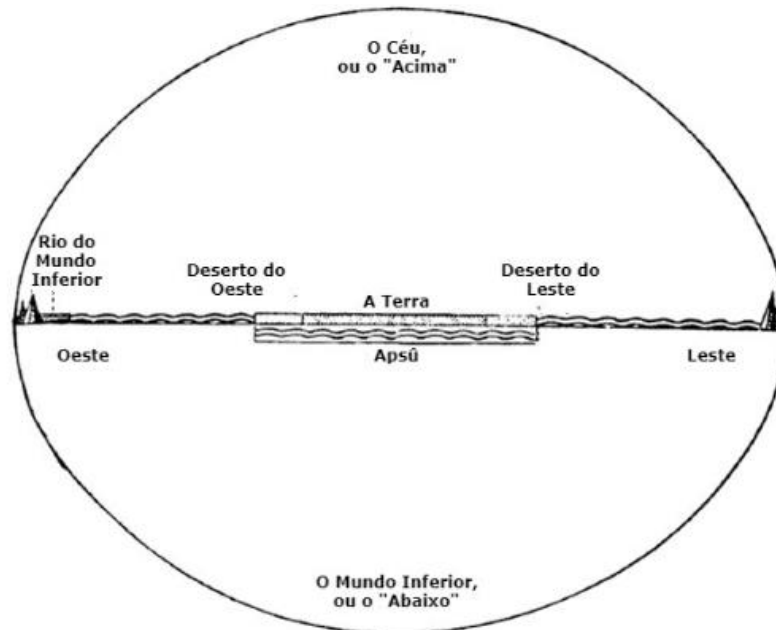
Fonte: LIVERANI, 2020, p. 47.

Figura 3: Na parte superior, planta da cidade de Uruk e na parte inferior a planta do Eanna



Fonte: LIVERANI, 2020, p. 118.

Figura 4: Concepção do mundo mesopotâmico



Fonte: Interpretação de ZDEBSKYI, 2022, p. 215. A partir de BOTTÉRO, 2001, p. 59

ANEXOS 2 – A DESCIDA DE INANA AO MUNDO DOS MORTOS, TRADUÇÃO EM INGLÊS

1-5 From the great heaven the goddess set her mind on the great below. From the great heaven Inana set her mind on the great below. My mistress abandoned heaven, abandoned earth, and descended to the underworld. Inana abandoned heaven, abandoned earth, and descended to the underworld.

6-13 She abandoned the office of en, abandoned the office of Iagar, and descended to the underworld. She abandoned the E-ana in Unug, and descended to the underworld. She abandoned the E-muc-kalama in Bad-tibira, and descended to the underworld. She abandoned the Giguna in Zabalam, and descended to the underworld. She abandoned the Ecara in Adab, and descended to the underworld. She abandoned the Barag-dur-jara in Nibru, and descended to the underworld. She abandoned the Hursaj-kalama in Kic, and descended to the underworld. She abandoned the E-Ulmac in Agade, and descended to the underworld. (1 ms. adds 8 lines: She abandoned the Ibgal in Umma, and descended to the underworld. She abandoned the E-Dilmuna in Urim, and descended to the underworld. She abandoned the Amace-kug in Kisiga, and descended to the underworld. She abandoned the E-eccdam-kug in Jirsu, and descended to the underworld. She abandoned the E-sig-mece-du in Isin, and descended to the underworld.

She abandoned the Anzagar in Akcak, and descended to the underworld. She abandoned the Nijin-jar-kug in Curuppag, and descended to the underworld. She abandoned the E-cag-hula in Kazallu, and descended to the underworld.)

14-19She took the seven divine powers. She collected the divine powers and grasped them in her hand. With the good divine powers, she went on her way. She put a turban, headgear for the open country, on her head. She took a wig for her forehead. She hung small lapis-lazuli beads around her neck.

20-25She placed twin egg-shaped beads on her breast. She covered her body with a pala dress, the garment of ladyship. She placed mascara which is called "Let a man come, let him come" on her eyes. She pulled the pectoral which is called "Come, man, come" over her breast. She placed a golden ring on her hand. She held the lapis-lazuli measuring rod and measuring line in her hand.

26-27Inana travelled towards the underworld. Her minister Nincubura travelled behind her.

28-31Holy Inana said to Nincubura: "Come my faithful minister of E-ana, my minister who speaks fair words, my escort who speaks trustworthy words (1 ms. has instead: I am going to give you instructions: my instructions must be followed; I am going to say something to you: it must be observed).

32-36"On this day I will descend to the underworld. When I have arrived in the underworld, make a lament for me on the ruin mounds. Beat the drum for me in the sanctuary. Make the rounds of the houses of the gods for me.

37-40"Lacerate your eyes for me, lacerate your nose for me. (1 ms. adds the line: Lacerate your ears for me, in public.) In private, lacerate your buttocks for me. Like a pauper, clothe yourself in a single garment and all alone set your foot in the E-kur, the house of Enlil.

41-47"When you have entered the E-kur, the house of Enlil, lament before Enlil: "Father Enlil, don't let anyone kill your daughter in the underworld. Don't let your precious metal be alloyed there with the dirt of the underworld. Don't let your precious lapis lazuli be split there with the mason's stone. Don't let your boxwood be chopped up there with the carpenter's wood. Don't let young lady Inana be killed in the underworld."

48-56"If Enlil does not help you in this matter, go to Urim. In the E-mud-kura at Urim, when you have entered the Ekic-nu-jal, the house of Nanna, lament before Nanna: "Father Nanna,

don't let anyone kill your daughter in the underworld. Don't let your precious metal be alloyed there with the dirt of the underworld. Don't let your precious lapis lazuli be split there with the mason's stone. Don't let your boxwood be chopped up there with the carpenter's wood. Don't let young lady Inana be killed in the underworld.

57-64"And if Nanna does not help you in this matter, go to Eridug. In Eridug, when you have entered the house of Enki, lament before Enki: "Father Enki, don't let anyone kill your daughter in the underworld. Don't let your precious metal be alloyed there with the dirt of the underworld. Don't let your precious lapis lazuli be split there with the mason's stone. Don't let your boxwood be chopped up there with the carpenter's wood. Don't let young lady Inana be killed in the underworld."

65-67"Father Enki, the lord of great wisdom, knows about the life-giving plant and the life-giving water. He is the one who will restore me to life."

68-72When Inana travelled on towards the underworld, her minister Nincubura travelled on behind her. She said to her minister Nincubura: "Go now, my Nincubura, and pay attention. Don't neglect the instructions I gave you."

73-77When Inana arrived at the palace Ganzur, she pushed aggressively on the door of the underworld. She shouted aggressively at the gate of the underworld: "Open up, doorman, open up. Open up, Neti, open up. I am all alone and I want to come in."

78-84Neti, the chief doorman of the underworld, answered holy Inana: "Who are you?" "I am Inana going to the east." "If you are Inana going to the east, why have you travelled to the land of no return? How did you set your heart on the road whose traveller never returns?"

85-89Holy Inana answered him: "Because lord Gud-gal-ana, the husband of my elder sister holy Erec-ki-gala, has died; in order to have his funeral rites observed, she offers generous libations at his wake -- that is the reason."

90-93Neti, the chief doorman of the underworld, answered holy Inana: "Stay here, Inana. I will speak to my mistress. I will speak to my mistress Erec-ki-gala and tell her what you have said."

94-101Neti, the chief doorman of the underworld, entered the house of his mistress Erec-ki-gala and said: "My mistress, there is a lone girl outside. It is Inana, your sister, and she has arrived at the palace Ganzur. She pushed aggressively on the door of the underworld. She

shouted aggressively at the gate of the underworld. She has abandoned E-ana and has descended to the underworld.

102-107" She has taken the seven divine powers. She has collected the divine powers and grasped them in her hand. She has come on her way with all the good divine powers. She has put a turban, headgear for the open country, on her head. She has taken a wig for her forehead. She has hung small lapis-lazuli beads around her neck.

108-113" She has placed twin egg-shaped beads on her breast. She has covered her body with the pala dress of ladyship. She has placed mascara which is called "Let a man come" on her eyes. She has pulled the pectoral which is called "Come, man, come" over her breast. She has placed a golden ring on her hand. She is holding the lapis-lazuli measuring rod and measuring line in her hand."

114-122 When she heard this, Erec-ki-gala slapped the side of her thigh. She bit her lip and took the words to heart. She said to Neti, her chief doorman: "Come Neti, my chief doorman of the underworld, don't neglect the instructions I will give you. Let the seven gates of the underworld be bolted. Then let each door of the palace Ganzer be opened separately. As for her, after she has entered, and crouched down and had her clothes removed, they will be carried away."

123-128 Neti, the chief doorman of the underworld, paid attention to the instructions of his mistress. He bolted the seven gates of the underworld. Then he opened each of the doors of the palace Ganzer separately. He said to holy Inana: "Come on, Inana, and enter."

129-133 And when Inana entered, (1 ms. adds 2 lines: the lapis-lazuli measuring rod and measuring line were removed from her hand, when she entered the first gate,) the turban, headgear for the open country, was removed from her head. "What is this?" "Be satisfied, Inana, a divine power of the underworld has been fulfilled. Inana, you must not open your mouth against the rites of the underworld."

134-138 When she entered the second gate, the small lapis-lazuli beads were removed from her neck. "What is this?" "Be satisfied, Inana, a divine power of the underworld has been fulfilled. Inana, you must not open your mouth against the rites of the underworld. When she entered the third gate, the twin egg-shaped beads were removed from her breast. "What is this?" "Be satisfied, Inana, a divine power of the underworld has been fulfilled. Inana, you must not open your mouth against the rites of the underworld."

144-148 When she entered the fourth gate, the "Come, man, come" pectoral was removed from her breast. "What is this?" "Be satisfied, Inana, a divine power of the underworld has been fulfilled. Inana, you must not open your mouth against the rites of the underworld."

149-153 When she entered the fifth gate, the golden ring was removed from her hand. "What is this?" "Be satisfied, Inana, a divine power of the underworld has been fulfilled. Inana, you must not open your mouth against the rites of the underworld."

154-158 When she entered the sixth gate, the lapis-lazuli measuring rod and measuring line were removed from her hand. "What is this?" "Be satisfied, Inana, a divine power of the underworld has been fulfilled. Inana, you must not open your mouth against the rites of the underworld."

159-163 When she entered the seventh gate, the pala dress, the garment of ladyship, was removed from her body. "What is this?" "Be satisfied, Inana, a divine power of the underworld has been fulfilled. Inana, you must not open your mouth against the rites of the underworld."

164-172 After she had crouched down and had her clothes removed, they were carried away. Then she made her sister Erec-ki-gala rise from her throne, and instead she sat on her throne. The Anuna, the seven judges, rendered their decision against her. They looked at her -- it was the look of death. They spoke to her -- it was the speech of anger. They shouted at her -- it was the shout of heavy guilt. The afflicted woman was turned into a corpse. And the corpse was hung on a hook.

173-175 After three days and three nights had passed, her minister Nincubura (2 mss. add 2 lines:, her minister who speaks fair words, her escort who speaks trustworthy words,) carried out the instructions of her mistress (1 ms. has instead 2 lines: did not forget her orders, she did not neglect her instructions).

176-182 She made a lament for her in her ruined (houses). She beat the drum for her in the sanctuaries. She made the rounds of the houses of the gods for her. She lacerated her eyes for her, she lacerated her nose. In private she lacerated her buttocks for her. Like a pauper, she clothed herself in a single garment, and all alone she set her foot in the E-kur, the house of Enlil.

183-189 When she had entered the E-kur, the house of Enlil, she lamented before Enlil: "Father Enlil, don't let anyone kill your daughter in the underworld. Don't let your precious metal be alloyed there with the dirt of the underworld. Don't let your precious lapis lazuli be split there with the mason's stone. Don't let your boxwood be chopped up there with the carpenter's wood. Don't let young lady Inana be killed in the underworld."

190-194 In his rage father Enlil answered Nincubura: "My daughter craved the great heaven and she craved the great below as well. Inana craved the great heaven and she craved the great below as well. The divine powers of the underworld are divine powers which should not be craved, for whoever gets them must remain in the underworld. Who, having got to that place, could then expect to come up again?"

195-203 Thus father Enlil did not help in this matter, so she went to Urim. In the E-mud-kura at Urim, when she had entered the E-kic-nu-jal, the house of Nanna, she lamented before Nanna: "Father Nanna, don't let your daughter be killed in the underworld. Don't let your precious metal be alloyed there with the dirt of the underworld. Don't let your precious lapis lazuli be split there with the mason's stone. Don't let your boxwood be chopped up there with the carpenter's wood. Don't let young lady Inana be killed in the underworld."

204-208 In his rage father Nanna answered Nincubura: "My daughter craved the great heaven and she craved the great below as well. Inana craved the great heaven and she craved the great below as well. The divine powers of the underworld are divine powers which should not be craved, for whoever gets them must remain in the underworld. Who, having got to that place, could then expect to come up again?"

209-216 Thus father Nanna did not help her in this matter, so she went to Eridug. In Eridug, when she had entered the house of Enki, she lamented before Enki: "Father Enki, don't let anyone kill your daughter in the underworld. Don't let your precious metal be alloyed there with the dirt of the underworld. Don't let your precious lapis lazuli be split there with the mason's stone. Don't let your boxwood be chopped up there with the carpenter's wood. Don't let young lady Inana be killed in the underworld."

217-225 Father Enki answered Nincubura: "What has my daughter done? She has me worried. What has Inana done? She has me worried. What has the mistress of all the lands done? She has me worried. What has the hierodule of An done? She has me worried." (1 ms. adds 1 line: Thus father Enki helped her in this matter.) He removed some dirt from the tip of his fingernail and created the kur-jara. He removed some dirt from the tip of his other fingernail and created the gala-tura. To the kur-jara he gave the life-giving plant. To the gala-tura he gave the life-giving water.

226-235 Then father Enki spoke out to the gala-tura and the kur-jara: " (1 ms. has instead the line: One of you sprinkle the life-giving plant over her, and the other the life-giving water.) Go

and direct your steps to the underworld. Flit past the door like flies. Slip through the door pivots like phantoms. The mother who gave birth, Erec-ki-gala, on account of her children, is lying there. Her holy shoulders are not covered by a linen cloth. Her breasts are not full like a cagan vessel. Her nails are like a pickaxe (?) upon her. The hair on her head is bunched up as if it were leeks.

236-245 "When she says "Oh my heart", you are to say "You are troubled, our mistress, oh your heart". When she says "Oh my liver", you are to say "You are troubled, our mistress, oh your liver". (She will then ask:) "Who are you? Speaking to you from my heart to your heart, from my liver to your liver -- if you are gods, let me talk with you; if you are mortals, may a destiny be decreed for you." Make her swear this by heaven and earth. 1 line fragmentary

246-253 "They will offer you a riverful of water -- don't accept it. They will offer you a field with its grain -- don't accept it. But say to her: "Give us the corpse hanging on the hook." (She will answer:) "That is the corpse of your queen." Say to her: "Whether it is that of our king, whether it is that of our queen, give it to us." She will give you the corpse hanging on the hook. One of you sprinkle on it the life-giving plant and the other the life-giving water. Thus let Inana arise."

254-262 The gala-tura and the kur-jara paid attention to the instructions of Enki. They flitted through the door like flies. They slipped through the door pivots like phantoms. The mother who gave birth, Erec-ki-gala, because of her children, was lying there. Her holy shoulders were not covered by a linen cloth. Her breasts were not full like a cagan vessel. Her nails were like a pickaxe (?) upon her. The hair on her head was bunched up as if it were leeks.

263-272 When she said "Oh my heart", they said to her "You are troubled, our mistress, oh your heart". When she said "Oh my liver", they said to her "You are troubled, our mistress, oh your liver". (Then she asked:) "Who are you? I tell you from my heart to your heart, from my liver to your liver -- if you are gods, I will talk with you; if you are mortals, may a destiny be decreed for you." They made her swear this by heaven and earth. They

273-281 They were offered a river with its water -- they did not accept it. They were offered a field with its grain -they did not accept it. They said to her: "Give us the corpse hanging on the hook." Holy Erec-ki-gala answered the gala-tura and the kur-jara: "The corpse is that of your queen." They said to her: "Whether it is that of our king or that of our queen, give it to us."

They were given the corpse hanging on the hook. One of them sprinkled on it the lifegiving plant and the other the life-giving water. And thus Inana arose.

282-289 Erec-ki-gala said to the gala-tura and the kur-jara: "Bring your queen, your has been seized." Inana, because of Enki's instructions, was about to ascend from the underworld. But as Inana was about to ascend from the underworld, the Anuna seized her: "Who has ever ascended from the underworld, has ascended unscathed from the underworld? If Inana is to ascend from the underworld, let her provide a substitute for herself."

290-294 So when Inana left the underworld, the one in front of her, though not a minister, held a sceptre in his hand; the one behind her, though not an escort, carried a mace at his hip, while the small demons, like a reed enclosure, and the big demons, like the reeds of a fence, restrained her on all sides.

295-305 Those who accompanied her, those who accompanied Inana, know no food, know no drink, eat no flour offering and drink no libation. They accept no pleasant gifts. They never enjoy the pleasures of the marital embrace, never have any sweet children to kiss. They tear away the wife from a man's embrace. They snatch the son from a man's knee. They make the bride leave the house of her father-in-law (instead of lines

300-305, 1 ms. has 2 lines: They take the wife away from a man's embrace. They take away the child hanging on a wet-nurse's breasts). (1 ms. adds 3 lines: They crush no bitter garlic. They eat no fish, they eat no leeks. They, it was, who accompanied Inana.)

306-310 After Inana had ascended from the underworld, Nincubura threw herself at her feet at the door of the Ganzer. She had sat in the dust and clothed herself in a filthy garment. The demons said to holy Inana: "Inana, proceed to your city, we will take her back."

311-321 Holy Inana answered the demons: "This is my minister of fair words, my escort of trustworthy words. She did not forget my instructions. She did not neglect the orders I gave her. She made a lament for me on the ruin mounds. She beat the drum for me in the sanctuaries. She made the rounds of the gods' houses for me. She lacerated her eyes for me, lacerated her nose for me. (1 ms. adds 1 line: She lacerated her ears for me in public.) In private, she lacerated her buttocks for me. Like a pauper, she clothed herself in a single garment.

322-328 "All alone she directed her steps to the E-kur, to the house of Enlil, and to Urim, to the house of Nanna, and to Eridug, to the house of Enki. (1 ms. adds 1 line: She wept before Enki.)

She brought me back to life. How could I turn her over to you? Let us go on. Let us go on to the Sig-kur-caga in Umma."

329-333At the Sig-kur-caga in Umma, Cara, in his own city, threw himself at her feet. He had sat in the dust and dressed himself in a filthy garment. The demons said to holy Inana: "Inana, proceed to your city, we will take him back."

334-338Holy Inana answered the demons: "Cara is my singer, my manicurist and my hairdresser. How could I turn him over to you? Let us go on. Let us go on to the E-muc-kalama in Bad-tibira." 339-343At the E-muc-kalama in Bad-tibira, Lulal, in his own city, threw himself at her feet. He had sat in the dust and clothed himself in a filthy garment. The demons said to holy Inana: "Inana, proceed to your city, we will take him back."

344-347Holy Inana answered the demons: "Outstanding Lulal follows me at my right and my left. How could I turn him over to you? Let us go on. Let us go on to the great apple tree in the plain of Kulaba."

348-353They followed her to the great apple tree in the plain of Kulaba. There was Dumuzid clothed in a magnificent garment and seated magnificently on a throne. The demons seized him there by his thighs. The seven of them poured the milk from his churns. The seven of them shook their heads like They would not let the shepherd play the pipe and flute before her (?).

354-358She looked at him, it was the look of death. She spoke to him (?), it was the speech of anger. She shouted at him (?), it was the shout of heavy guilt: "How much longer? Take him away." Holy Inana gave Dumuzid the shepherd into their hands.

359-367Those who had accompanied her, who had come for Dumuzid, know no food, know no drink, eat no flour offering, drink no libation. They never enjoy the pleasures of the marital embrace, never have any sweet children to kiss. They snatch the son from a man's knee. They make the bride leave the house of her father-in-law.

368-375Dumuzid let out a wail and turned very pale. The lad raised his hands to heaven, to Utu: "Utu, you are my brother-in-law. I am your relation by marriage. I brought butter to your mother's house. I brought milk to Ningal's house. Turn my hands into snake's hands and turn my feet into snake's feet, so I can escape my demons, let them not keep hold of me."

376-383 Utu accepted his tears. (1 ms. adds 1 line: Dumuzid's demons could not keep hold of him.) Utu turned Dumuzid's hands into snake's hands. He turned his feet into snake's feet. Dumuzid escaped his demons. (1 ms. adds 1 line: Like a sajkal snake he) They seized
 2 lines fragmentary Holy Inana her heart. 384-393 Holy Inana wept bitterly for her husband. 4 lines fragmentary She tore at her hair like esparto grass, she ripped it out like esparto grass. "You wives who lie in your men's embrace, where is my precious husband? You children who lie in your men's embrace, where is my precious child? Where is my man? Where? Where is my man? Where?"

394-398 A fly spoke to holy Inana: "If I show you where your man is, what will be my reward?" Holy Inana answered the fly: "If you show me where my man is, I will give you this gift: I will cover

6399-403 The fly helped (?) holy Inana. The young lady Inana decreed the destiny of the fly: "In the beer-house and the tavern (?), may there for you. You will live (?) like the sons of the wise." Now Inana decreed this fate and thus it came to be.

404-410 was weeping. She came up to the sister (?) and by the hand: "Now, alas, my You for half the year and your sister for half the year: when you are demanded, on that day you will stay, when your sister is demanded, on that day you will be released." Thus holy Inana gave Dumuzid as a substitute 411-412 Holy Erec-ki-gala -- sweet is your praise.

ANEXOS 3 – A DESCIDA DE INANA AO MUNDO DOS MORTOS, TRANSLITERAÇÃO DO ETCSL

1 an gal-ta ki gal-ce3 jectug2-ga-ni na-an-/gub\

2 dijjir an gal-ta ki gal-ce3 jectug2-ga-ni na-an-[gub]

3 dinana an gal-[ta ki gal-ce3] jectug2-ga-ni na-an-[gub]

4 nin-ju10 an mu-un-cub ki mu-un-cub kur-ra ba-e-a-ed3

5 dinana an mu-un-cub ki mu-un-cub kur-ra ba-e-a-ed3

6 nam-en mu-un-cub nam-lagar mu-un-cub kur-ra ba-e-a-ed3

7 unugki-ga e2-an-na mu-un-cub kur-ra ba-e-a-ed3

8bad3-/tibira\ki-a e2-muc3-kalam-ma mu-un-cub kur-ra ba-[e-a]-ed3

9zabalamki-a gi-gun5ki-na mu-un-cub kur-ra ba-e-a-ed3

10adabki-a e2-car2-ra mu-un-cub kur-ra ba-e-a-ed3

11nibruki-a barag-dur2-jar-ra mu-un-cub [kur-ra ba-e-a-ed3]

12kicki-a hur-saj-kalam-ma mu-un-cub kur-ra ba-e-[a-ed3]

13a-ga-de3ki-a e2-ul-macki mu-un-cub kur-a ba-e-a-ed3

(1 ms. adds 8 lines:

13Aummaki-a ib-gal mu-un-cub <kur-ra ba-e-a-ed3>

13Burim2ki-ma e2-dilmun-na mu-un-cub <kur-ra ba-e-a-ed3>

13Ckisigaki-a amac-e2-kug mu-un-cub <kur-ra ba-e-a-ed3>

13Djir2-suki-a e2-ec2-dam-kug mu-un-cub <kur-ra ba-e-a-ed3>

13Ei3-si-in-naki e2-sig4-me-ce3-du7 mu-un-cub <kur-ra ba-e-a-ed3>

13Fakcakki-a an-za-gar3 mu-un-cub <kur-ra ba-e-a-ed3>

13Gcuruppagki-e nijin3-jar-kug mu-un-cub <kur-ra ba-e-a-ed3>

13Hka-zal-luki e2-cag4-hul2-la mu-un-cub <kur-ra ba-e-a-ed3>)

14me 7-bi zag mu-ni-in-KEC2

15me mu-un-ur4-ur4 cu-ni-ce3 mu-un-la2

16me dug3 jiri3 gub-ba i-im-jen

17tug2cu-gur-ra men edin-na saj-ja2-na mu-un-jal2

18hi-li saj-ki-na cu ba-ni-in-tij4

19na4za-gin3 di4-di4-la2 gu2-na ba-an-la2

20na4nunuz tab-ba gaba-na ba-ni-in-si

21tug2pala3 tug2 nam-nin-a bar-ra-na ba-an-dul

22cimbi lu2 he2-em-du he2-em-du igi-na ba-ni-in-jar

23tu-di-da lu2 ja2-nu ja2-nu gaba-na ba-an-gid2

24har kug-sig17 cu-na ba-an-du8

25gi 1 ninda ec2-gana2 za-gin3 cu ba-ni-in-du8

26dinana kur-ce3 i-im-jen

27sukkal-a-ni dga-ca-an-cubur-ra ejer-a-na i-im-jen

28kug dinana-ke4 dnin-cubur-ra gu3 mu-na-de2-e

29ja2-nu sukkal zid e2-an-na-ju10

30sukkal e-ne-ej3 sag9-sag9-ga-ju10

31ra-gaba e-ne-ej3 ge-en-gen6-na-ju10

(1 ms. has instead:

30A [na] ga-e-rig5 na rig5-ju10 /he2\-[dab5]

31A [inim] ga-ra-ab-dug4 jizzal [he2-em-ci-ak])

32ud-da kur-ce3 ed3-de3-en

33ud-da kur-ce3 jen-na-ju10-ne

34er2 du6-du6-dam mar-mar-ma-ni-ib

35cem3 gu2-en-na tuku-tuku-a-ma-ni-ib

36[e2] dijir-re-e-ne ninni2-na-ma-ni-ib

37[i-bi2-zu] hur-ma-ab kiri3-zu hur-ma-ab

(1 ms. adds 1 line:

37A[jectug2 ki] u6 di-zu [hur-ma-ab])

38ki mu-lu-da nu-di hac4-gal-zu hur-ma-ab

39mu-lu nu-tuku-gin7 tug2 dili-a mu4-ma-ab

40e2-kur-re e2 dmu-ul-lil2-la2-ce3 me-ri-zu dili [gub-mu-un]

41[e2]-kur-re e2 dmu-ul-lil2-la2-ce3 ku4-ku4-da-zu-ne

42i-bi2 dmu-ul-lil2-la2-ce3 er2 cec2-a

43[a-a] dmu-ul-lil2 du5-mu-zu mu-lu kur-ra nam-ba-da-an-gam-e

44kug sag9-ga-zu sahar kur-ra-ka nam-ba-da-ab-car2-re

45za-gin3 sag9-ga-zu za zadim-ma-ka nam-ba-da-an-si-il-si-il

46jictackarin-zu jic nagar-ra-ka nam-ba-an-dar-dar-e

47ki-sikil dga-ca-an-na kur-ra nam-ba-da-an-gam-e

48ud-da dmu-ul-lil2 e-ne-ej3-ba nu-ri-gub urimki-ce3 jen-na

49urimki e2-mud-kur-ra-ka

50[e2]-kic-[nu]-jal2 dnanna-ce3 ku4-ku4-da-[zu]-ne

51[i]-bi2 dnanna-ce3 er2 cec2-a

52[a]-a dnanna du5-mu-zu mu-lu kur-ra [nam-ba-da]-an-gam-e

53[kug sag9-ga]-zu sahar kur-ra-ka nam-ba-da-ab-[car2]-re

54[za-gin3] sag9-ga-zu za zadim-ma-ka nam-ba-da-an-si-il-si-il
 55[jictackarin-zu] jic nam-nagar-[ra-ka] nam-ba-da-an-dar-dar-[re]
 56ki-/sikal\ /d\ga-[ca-an-na] [kur-ra nam-ba]-da-an-gam-e
 57ud-/da\ /d\nanna e-ne-ej3-[ba] [nu-ri-gub] uru2-ze2-ebki-ce3 jen-na
 58uru2-ze2-ebki e2 dam-[an-ki-ga-ce3] [ku4-ku4-da-zu]-ne
 59[i-bi2] dam-an-ki-ga-ce3 er2 cec2-am3
 60a-a dam-an-ki du5-mu-zu mu-lu kur-ra nam-ba-da-an-gam-e
 61kug sag9-ga-zu sahar kur-ra-ka nam-ba-da-ab-[car2-re]
 62za-gin3 sag9-ga-zu za zadim-ma-ka nam-ba-da-an-[si-il-si]-il
 63jictackarin-zu jic nagar-ra-ka nam-ba-da-an-dar-[dar-re]
 64ki-sikal dga-ca-an-na kur-ra nam-ba-da-an-gam-e
 65a-a dam-an-ki u3-mu-un mu-uc-«jic»-tug2 <da>-ma-al-la-ke4
 66u2 nam-til3-la mu-un-zu a nam-til3-la mu-un-zu
 67e-ne ma-ra hu-mu-un-til3-le-en
 68dinana kur-ce3 jen-/na\-[ni-ta]
 69sukkal-a-ni dnin-cubur-ra-ke4 ejer-a-ni i3-[im-jen]
 70sukkal-a-ni dnin-cubur-ra gu3 mu-na-[de2-e]
 71jen-na dga-ca-an-cubur-ju10 saj [KEC2 he2-ak]
 72e-ne-<ej3> a-ra-dug4-ga-ju10 gu2-zu la-ba-ci-cub
 73dinana e2-gal ganzer-ce3 um-ma-tej3
 74jicig kur-ra-ka cu hul ba-an-us2
 75abul kur-ra-ka gu3 hul ba-an-de2
 76e2 jal2-u3 ni-du8 e2 jal2-u3
 77e2 jal2-u3 dne-ti e2 jal2-u3 dili-ju10-ce3 ga-kur9
 78dne-ti ni-du8 gal kur-ra-ke4
 79kug dinana inim mu-na-ni-ib-gi4-gi4
 80a-ba-me-en za-e
 81me-e dga-ca-an (ms: na) -na ki dutu ed2-a-ac
 82tukum-bi za-e dinana ki dutu ed2-a-ac
 83a-na-am3 ba-du-un kur nu-gi4-ce3

- 84har-ra-an lu2 du-bi nu-gi4-gi4-de3 cag4-zu a-gin7 tum2-mu-un
85kug dinana-ke4 mu-na-ni-ib2-gi4-gi4
86nin9 gal-ju10 kug dga-ca-an-ki-gal-la-ke4
87mu dam-a-ni u3-mu-un gud-gal-an-na ba-an-ug5-ga
88ki-sig10-ga-na i-bi2 du8-u3-de3
89kac ki-sig10-ga-na gu-ul ba-ni-in-de2 ur5 he2-na-nam-ma
90dne-ti ni-du8 gal kur-ra-ke4
91kug dinana-ra mu-na-ni-ib-gi4-gi4
92gub-ba-a dinana nin-ja2 ga-an-na-ab-dug4
93nin-ju10 derec-ki-gal-la-ra ga-an-na-dug4 [inim-zu] ga-an-na-ab-dug4
94dne-ti ni-du8 gal kur-ra-ke4
95nin-a-ni derec-ki-gal-la-ra
96e2-[a-ni-ce3 ba]-ci-in-kur9 gu3 mu-na-de2
97nin-ju10 ki-sikil dic-am3
98d/inana\ [nin9-zu e2-gal ganzer-ce3 um-ma-tej3]
99jicig [kur-ra-ka cu hul ba-an-us2]
100[abul kur-ra-ka gu3 hul ba-an-de2]
101e2-an-na [mu-un-cub kur-ra ba-e-a-ed3]
102me 7-bi zag [mu-ni-in-KEC2]
103me mu-[un-ur4-ur4 cu-ni-ce3 mu-un-la2]
104me [dug3 jiri3 gub-ba i-im-jen]
105tug2cu-gur-ra [men edin-na saj-ja2-na mu-un-jal2]
106hi-li saj-ki-na [cu ba-ni-in-tij4]
107[na4za]-gin3 /di4\-[di4-la2 gu2-na i-im-la2]
108na4nunuz tab-ba [gaba-na i-im-si]
109tug2pala3 nam-nin-a [bar-ra-na i-im-dul]
110cimbi lu2 he2-em-du igi-ni [i-im-jar]
111tu-di-da lu2 ja2-nu ja2-nu [gaba-na i-im-gid2]
112har kug-sig17 cu-na i-/im\-[la2]
113gi 1 ninda ec2-gana2 za-gin3 cu-na i-/im\-[du8]

- 114ud-ba derec-ki-gal-la-ke4 hac2 bar-bi bi2-in-ra
 115nundum zu2 bi2-in-gub inim cag4-ce3 ba-tij4
 116dne-ti ni-du8 gal-ni-ir gu3 mu-na-de2-e
 117ja2-nu dne-ti ni-du8 gal kur-ra-ju10
 118inim a-ra-dug4-ga-ju10 gu2-zu la-ba-an-cub-be2-/en\
 119abul kur-ra 7-bi jicsi-jar-bi he2-eb-us2
 120e2-gal ganzer dili-bi jicig-bi cu ha-ba-an-us2
 121e-ne ku4-ku4-da-ni-ta
 122gam-gam-ma-ni tug2 zil-zil-la-ni-ta lu2 ba-/an\-[de6]
 123dne-ti ni-du8 gal kur-ra-[ke4]
 124inim nin-a-na-ce3 saj KEC2 ba-ci-[in-ak]
 125abul kur-ra 7-bi jicsi-jar-bi [bi2-ib2-us2]
 126e2-gal ganzer dili-bi [jicig-bi cu ba-an-us2]
 127kug dinana-ra gu3 mu-na-de2-[e]
 128ja2-nu dinana kur9-um-[ma-ni]
 129dinana ku4-ku4-da-[ni-ta]
 (1 ms. adds 2 lines:
 129Agi 1 ninda ec2-gana2 za-gin3 [cu-na lu2 ba-da-an-ze2-er]
 129Babul 1-kam-ma ku4-[ku4-da-ni-ta])
 130tug2cu-gur-ra men edin-na saj-ja2-na lu2 ba-da-an-ze2-er
 131ta-am3 ne-e
 132si-a dinana me kur-ra-ke4 cu al-du7-du7
 133dinana jarza kur-ra-ke4 ka-zu na-an-ba-e
 134abul 2-kam-ma ku4-ku4-da-[ni-ta]
 135na4za-gin3 di4-di4-la2 gu2-na lu2 ba-da-an-ze2-er
 136ta-am3 ne-e
 137si-a dinana me kur-ra-ke4 cu al-du7-du7
 138dinana jarza kur-ra-ke4 ka-zu na-an-ba-e
 139abul 3-kam-ma ku4-ku4-da-ni-ta
 140na4nunuz tab-ba gaba-na lu2 ba-da-an-ze2-er

- 141ta-am3 ne-e
 142si-a dinana me kur-ra-ke4 cu al-du7-du7
 143dinana jarza kur-ra-ke4 ka-zu na-an-ba-e
 144abul 4-kam-ma ku4-ku4-da-ni-ta
 145tu-di-da lu2 ja2-nu ja2-nu gaba-na lu2 ba-da-an-ze2-er
 146ta-am3 ne-e
 147si-a dinana me kur-ra-ke4 cu al-du7-du7
 148dinana jarza kur-ra-ke4 ka-zu na-an-ba-e
 149abul 5-kam-ma ku4-ku4-da-ni-ta
 150har kug-sig17 cu-na lu2 ba-da-an-ze2-er
 151ta-am3 ne-e
 152si-a dinana me kur-ra-ke4 cu al-du7-du7
 153dinana jarza kur-ra-ke4 ka-zu na-an-ba-e
 154abul 6-kam-ma ku4-ku4-da-ni-ta
 155gi 1 ninda ec2-gana2 za-gin3 cu-[na] lu2 ba-da-an-ze2-er
 156ta-am3 ne-e
 157si-a dinana me kur-ra-ke4 cu al-du7-du7
 158dinana jarza kur-ra-ke4 ka-zu na-an-ba-e
 159abul 7-kam-ma ku4-ku4-da-ni-ta
 160[tug2pala3] tug2 nam-nin-a bar-ra-na lu2 ba-da-an-ze2-er
 161ta-am3 ne-e
 162si-a dinana me kur-ra-ke4 cu al-du7-du7
 163dinana jarza kur-ra-ke4 ka-zu na-an-ba-e
 164gam-gam-ma-ni tug2 zil-zil-la-ni-ta lu2 ma-an-de6
 165nin9-a-ni jicgu-za-ni-ta im-ma-da-an-zig3
 166e-ne jicgu-za-ni-ta dur2 im-mi-in-jar
 167da-nun-na di-kud 7-bi igi-ni-ce3 di mu-un-da-ku5-ru-ne
 168igi mu-ci-in-bar i-bi2 uc2-a-kam
 169inim i-ne-ne inim lipic gig-ga-am3
 170gu3 i-ne-de2 gu3 nam-tag-tag-ga-am3

171munus tur5-ra uzu nij2-sig3-ga-ce3 ba-an-kur9

172uzu nij2-sig3-ga jicgag-ta lu2 ba-da-an-la2

173[ud 3] ji6 3-am3 um-ta-zal-la-ta

174sukkal-a-ni dnin-cubur-ra-ke4

(2 mss. add 2 lines:

174Asukkal inim sag9-sag9-ga-ni

174Bra-gaba inim ge-en-ge-en-na-ni)

175inim nin-a-na-ce3 jectug2 ba-ci-in-gub

(1 ms. has instead 2 lines:

175A[na] rig5-[ga]-ni cu nu-bar-re

175B[inim] dug4-ga-ni gu2-ni la-ba-ci-cub)

176er2 du6-du6-dam mu-un-na-ja2-ja2

177[cem3] gu2-en-na mu-un-tuku-a

178e2 dijir-re-e-ne-ke4 mu-un-na-ninni2

179igi-ni mu-un-[na]-hur kiri3-ni mu-un-hur

180ki lu2-da nu-«u6»-di hac4-gal-a-ni mu-un-na-hur

181mu-lu nu-tuku-gin7 tug2 dili-a /im\-[ma]-an-mu4

182[e2-kur] e2 den-lil2-la2-ce3 jiri3-ni dili mu-un-gub

183[e2-kur] e2 den-lil-la2-ce2 ku4-ku4-da-ni-ta

184[igi] [den-lil2-la2]-ce3 er2 im-ma-ce8-ce8

185[a-a] [dmu-ul-lil2] du5-mu-zu mu-lu kur-ra nam-ba-da-an-gam-e

186[kug] sag9-ga-zu [sahar kur]-/ra\-ka nam-ba-[da-ab-car2]-e

187[na4za-gin3] sag9-ga-zu za zadim-ka nam-[ba-da-an]-si-il-si-il

188[jictackarin-zu] jic nagar-ra-ka nam-ba-[dar]-/dar\re

189[ki-sikil] /d\ga-ca-an-na kur-ra nam-ba-da-[an]-gam-e

190[a-a] [d]en-lil2 lipic bal-a-ni dnin-cubur-ra-ke4 mu-na-ni-ib-gi4-gi4

191[dumu-ju10] an gal al bi2-in-dug4 ki gal al bi2-in-dug4

192[dinana] an gal al bi2-in-dug4 ki gal al bi2-in-dug4

193me kur-ra me al nu-di-da sa2 bi2-in-dug4-[ga-bi kur]-/re\ he2-eb-us2

194a-ba-am3 ki-bi sa2 in-na-an-dug4 [ed3-de3] al mu-ni-in-dug4

- 195a-a den-lil2 inim-bi nu-mu-na-gub urimki-[ce3] ba-jen
 196urimki [e2-mud]-kur-ra-ka
 197e2-kic-nu-jal2 [e2 dnanna-ce3 ku4-ku4-da-ni]-ta
 198igi dnanna-ce3 er2 [im-ma]-ce8-ce8
 199a-a dnanna du5-mu-zu mu-lu kur-ra nam-[ba]-da-an-gam-e
 200kug sag9-ga-zu sahar kur-ra-ka nam-ba-[da-ab]-car2-re
 201na4za-gin3 sag9-ga-zu za zadim-ka nam-ba-[da-an]-si-il-si-il-i
 202jictackarin-zu jic nagar-ra-ka [nam-ba]-da-[an-dar-dar]-re
 203ki-sikil dga-ca-an-na kur-ra nam-ba-da-[an]-gam-e
 204a-a dnanna lipic bal-a-ni [dnin-cubur-ra-ke4 mu-na-ni]-ib-gi4-gi4
 205dumu-ju10 an gal al bi2-in-dug4 [ki gal] al bi2-in-dug4
 206dinana an gal al bi2-in-dug4 [ki gal] al [bi2]-in-dug4
 207me kur-ra me al nu-di-da /sa2\ [bi2-in-dug4-ga-bi kur]-/re\ he2-eb-us2
 208a-ba-am3 ki-bi [sa2 in-na-an-dug4 ed3-de3 al mu-ni-ib-dug4]
 209a-a dnanna inim-bi nu-/mu\-[na-gub uru2-ze2-ebki-ce3] /ba\-jen
 210uru2-ze2-ebki e2 den-ki-ka3-ce3 [ku4-ku4]-da-ni-ta
 211igi den-ki-ka3-ce3 [ir2 im]-/ma\-ce8-ce8
 212a-a den-ki du5-mu-zu mu-lu [kur-ra nam-ba]-/da\-an-gam-e
 213kug sag9-ga-zu sahar kur-ra-ka nam-[ba-da-ab-car2]-re
 214na4za-gin3 sag9-ga-zu za zadim-ka nam-ba-da-an-[si-il-si]-il-i
 215jictackarin-zu jic nagar-ra-ka nam-ba-an-dar-dar-re
 216ki-sikil dga-ca-an-na kur-ra nam-ba-da-an-gam-e
 217a-a den-ki dnin-cubur-ra-ke4 mu-un-na-ni-ib-gi4-gi4
 218dumu-ju10 a-na bi2-in-ak je26-e mu-un-kuc2-u
 219dinana [a-na] bi2-in-ak je26-e mu-un-kuc2-u
 220nin kur-kur-/ra\-[ke4] a-na bi2-in-ak je26-e mu-un-kuc2-u
 221nu-u8-/gig\ /an\-na-ke4 a-na bi2-in-ak je26-e mu-un-kuc2-u
 (1 ms. adds 1 line:
 221Aa-a den-ki inim-bi ba-e-de3-gub)
 222umbin si-ni mu-sir2 ba-ra-an-de6 kur-jar-ra-ac ba-an-dim2

223umbin si 2-kam-ma mu-sir2 ba-ra-an-de6 gala-tur-ra-ac ba-an-dim2

224kur-jar-ra u2 nam-til3-la ba-an-cum2

225gala-tur-ra a nam-til3-la ba-an-cum2

226[a-a] den-ki gala-tur-ra kur-jar-ra gu3 mu-na-[de2-e]

(1 ms. has instead the line:

226A 1-am3 u2 nam-til3-la 1-am3 a nam-til3-la ugu-ni-a cub-ba-ab-ze2-en)

227jen-na-an-ze2-en jiri3 kur-ce3 nu2-ba-an-ze2-en

228jicig nim-gin7 dal-dal-e-de3-en-ze2-en

229za-ra lil2-gin7 gur-gur-re-de3-en-ze2-en

230ama gan-e nam-dumu-ne-ne-ce3

231derec-ki-gal-la-ke4 i-nu2-nu2-ra-am3

232mur kug-ga-na gada nu-um-bur2

233gaba-ni bur cagan-gin7 nu-um-gid2

234/cu?\-si-ni urudlul-bi-gin7 am3-da-jal2

235siki-ni ga-racsar-gin7 saj-ja2-na mu-un-ur4-ur4-re

236u-u8-a cag4-ju10 dug4-ga-ni

237kuc2-u3-me-en nin-me a cag4-zu [dug4]-ga-<zu>-ne-[ne]

238[u-u8]-a bar-ju10 dug4-ga-ni

239kuc2-u3-me-en nin-me a bar-zu [dug4]-ga-<zu>-ne-[ne]

240a-ba-am3 za-e-me-en-ze2-en

241cag4-ju10-[ta] cag4-zu-ce3 bar-ju10-ta bar-<zu>-ce3 dug4-ga-na-ab-ze2-en

242dijir he2-me-en-ze2-en inim ga-mu-ra-an-dug4

243lu2-ulu3 he2-me-en-ze2-en nam-zu-ne he2-eb-tar-re

244zi an-na zi ki-a pad3-de3-ne-ze2-na-am3

245ed3?-[...] -ab-ze2-en

246a id2-bi ma-ra-ba-e-ne cu nam-[ba]-gid2-i-en-ze2-en

247a-cag4 ce-ba ma-ra-ba-e-ne cu nam-ba-gid2-i-en-ze2-en

248uzu nij2-sig3-ga jicgag-ta la2 cum2-me-ab dug4-ga-na-ab-ze2-en (1 ms. has instead: dug4-ga-ma-ab-jen-ze2-en)

249uzu nij2-sig3-ga ga-ca-an-<zu>-ne-ne

- 250nij2 lugal-me «en» he2-a nij2 nin-me (ms: bi) he2-a cum2-ma-ze2-en dug4-ga-na-ab-ze2-en (ms: dug4-ga-ma-ab-jen-ze2-en)
- 251uzu nij2-sig3-ga jicgag-ta la2-a im-ma-da-ab-cum2-mu-ze2-en
- 2521-am3 u2 nam-til3-la 1-am3 a nam-til3-la ugu-na cub-bu-de3-en-ze2-en
- 253dinana ha-ba-gub
- 254gala-tur kur-jar-ra inim den-ki-ka3-ce3 saj KEC2 ba-[ci-in]-ak-ec
- 255jicig nim-gin7 mu-un-dal-dal
- 256za-ra lil2-gin7 mu-un-gur-gur
- 257[ama gan-e] nam-dumu-ne-ne-ce3
- 258[derec-ki]-gal-la-ke4 i-nu2-nu2-ra-am3
- 259[mur] kug-[ga]-na gada nu-un-bur2
- 260[gaba-ni] bur cagan-na nu-un-gid2
- 261[cu-si]-ni urudlul-bi-gin7 /an\-[da-jal2]
- 262[siki]-ni ga-racsar-gin7 saj-[ja2-na mu-un-ur4-ur4]
- 263[u3-u8-a] /cag4\-ju10 dug4-ga-ni
- 264[kuc2-u3-me]-en nin-me a cag4-zu in-na-[ne]-ec
- 265[u3-u8-a] bar-ju10 dug4-ga-ni
- 266[kuc2-u3-me]-en nin-me a bar-zu in-na-ne-ec
- 267[a-ba-am3] za-e-me-en-ze2-en
- 268[cag4-ju10-ta] cag4-zu-ce3 bar-ju10-ta bar-zu-ce3 ba-e-de3-en-ze2-en
- 269[dijir he2-me-en]-ze2-en inim ga-mu-ra-an-dug4
- 270[lu2-ulu3 he2-me]-/en\-ze2-en nam-zu-ne ga-mu-ri-ib-tar
- 271[zi an-na zi ki-a] mu-ni-in-pad3-de3-ec
- 272[...]-/ed3\-de3-de3-ec
- 273id2 a-ba mu-ne-ba-e cu nu-um-ma-gid2-de3
- 274a-cag4 ce-ba mu-ne-ba-e cu nu-um-ma-gid2-de3
- 275uzu nij2-sig3-ga jicgag-ta la2 cum2-me-eb in-na-an-ne-ec
- 276kug derec-ki-gal-la-ke4 /gala\-[tur kur-jar-ra] mu-na-ni-ib-gi4-gi4
- 277uzu nij2-sig3-ga (1 ms. has instead: aj2-sig3-ga) nij2 (1 ms. has instead: aj2) ga-ca-an-zu-ne-ne-kam
- 278[nij2] /lugal\-me nij2 (1 ms. has instead: aj2) nin-me he2-a cum2-me-eb in-na-an-ne-ec

- 279uzu nij2-sig3-ga jicgag-ta la2 im-me-ne-cum2-uc
 2801-am3 u2 nam-til3-la 1-am3 a nam-til3-la ugu-a bi2-in-cub-bu-uc
 281dinana ba-gub
 282derec-ki-gal-la gala-<tur> kur-jar-ra gu3 [mu-na-de2]-e
 283tum2-mu-un-ze2-en ga-ca-an-<zu>-ne-[ne] [...] -zu?-ne-ne ba-dab5
 284dinana inim den-ki-[ka3-ta] /kur\ -ta ed3
 285dinana kur-ta ed3-da-ni
 286da-nun-na-ke4-e-ne ba-ab-ha-za-ac
 287a-ba-am3 lu2 kur-ta im-[ta]-ed3-de3 kur-ta silim-ma-ni bi2-in-ed3-de3
 288ud-da dinana kur-ta ba-ed3-de3
 289saj dili saj-ja2-na ha-ba-ab-cum2-mu
 290dinana kur-ta ba-ed3-de3
 291lu2 igi-na sukkal nu-me-a jicjidru cu bi2-in-du8
 292bar-ra-na ra-gaba nu-me-a jictukul ur2-ra bi2-in-la2
 293gal5-la2 tur-tur gi-cukur-gin7
 294gal5-la2 gal-gal gi dub-ba-an-na-gin7 zag-ga-na ba-an-dab5-be-ec
 295lu2 e-ne-ra in-ci-re7-ec-am3
 296lu2 dinana-ra in-ci-re7-ec-am3
 297u2 nu-zu-me-ec a nu-zu-me-ec
 298zid2 dub-dub-ba nu-gu7-me-ec
 299a bal-bal-a nu-na8-na8-me-ec
 300kadra nij2-dug3-ge cu nu-gid2-me-ec
 301ur2 dam nij2-dug3-ge-ec nu-sig9-ge-me-ec
 302dumu nij2-ku7-ku7-da ne nu-su-ub-ba-me-ec
 303dam ur2 lu2-ka ba-ra-an-si-il-si-il-le-ec
 304dumu lu2 du10-ub-ta ba-ra-an-zig3-ge-ec
 305e2-gi4-a e2 ucbar-ra-ka im-ta-an-ed2-ec-am3
 (instead of lines 300-305, 1 ms. has 2 lines:
 300A/ur2\ lu2-ka dam cu tij4-a-me-ec
 301A/ubur\ um-me-da la2-ka dumu cu tij4-a-me-ec)

(1 ms. adds 3 lines:

305Asumsar nij2-sis-a nu-kum-e-me-ec

305Blu2 ku6 nu-gu7-me-ec lu2 ga-racsar nu-gu7-[me-ec]

305Clu2 dinana mu-un-ci-re7-[ec-am3])

306dinana kur-ta ed3-da-ni

307dnin-cubur-ra-ke4 ka2 ganzer-[ra-ka] jiri3-ni-ce3 ba-an-cub

308sahar-ra ba-da-an-tuc tug2 mu-sir2-ra ba-an-mu4

309gal5-la2-e-ne kug dinana-ra gu3 mu-un-na-de2-e

310dinana iri-zu-ce3 jen-ba e-ne ga-ba-ab-tum2-mu-de3-en

311kug dinana-ke4 gal5-la2-e-ne mu-un-ne-ni-gi4-gi4

312sukkal e-ne-ej3 sag9-sag9-ga-ju10

313ra-gaba e-ne-ej3 ge-en-gen6-na-ju10

314[na] rig5-ga-ju10 cu nu-un-bar-re

315[e-ne]-ej3 ma-ra-[ab-dug4]-ga-ju10-uc gu2-ni [la]-ba-da-[an-ci-cub]

316er2 du6-du6-dam ma-an-ja2-ja2

317cem3 gu2-en-na ma-an-tuku-am3

318e2 dijir-re-e-ne ma-an-ninni2

319i-bi2-ni ma-an-hur kiri3-ni ma-an-hur

(1 ms. adds 1 line:

319A/jectug2\-[ga]-ni ki u6 di ma-hur)

320ki mu-lu-da nu-di hac4-gal-a-ni ma-an-hur

321mu-lu nu-tuku-gin7 tug2 dili-a im-ma-an-mu4

322e2-kur-re e2 dmu-ul-lil2-la2-ce3

323urimki-ma e2 dnanna-ce3

324uru2-ze2-ebki e2 dam-an-ki-ga-ce3

325jiri3-ni dili mu-un-gub

(1 ms. adds 1 line:

325Aigi dam-an-ki-ka3 er2 bi2-ce8-ce8)

326e-ne ma-a-ra mu-un-til3-le-en

327e-ne ta-gin7 nam-ma-ra-ab-ze2-ej3-/en\-[ze2-en]

- 328ga-an-ci-re7-de3-en ummaki-a sig4-kur-cag4-ga-ce3 ga-am3-ci-re7-de3-en
- 329umma\[ki-a] sig4-kur-cag4-ga-ta
- 330dcara iri-ni-a jiri3-ni-ce3 ba-an-cub
- 331sahar-ra ba-da-an-tuc tug2 mu-sir2-ra ba-an-mu4
- 332gal5-la2-e-ne kug dinana-ra gu3 mu-na-de2-e
- 333dinana iri-zu-ce3 jen-ba e-ne ga-ba-ab-tum2-mu-de3
- 334kug dinana-ke4 gal5-la2-e-ne mu-na-ni-ib-gi4-gi4
- 335en3-du-/du\ dcara-ju10
- 336umbin ku5-ku5-ra-ju10 gu2-tar la2-ju10
- 337en3 ta-gin7 nam-ma-ra-ni-ib-ze2-ej3-jen
- 338ga-e-re7-en-de3-en bad3-tibiraki-a e2-muc3-kalam-ma-ce3 ga-an-ci-re7-en-de3-en
- 339bad3-tibiraki-a e2-muc3-kalam-ma-ta
- 340dlu2-lal3-e iri-ni-a jiri3-ni-ce3 ba-an-cub
- 341sahar-a im-da-an-tuc tug2 mu-sir2-ra ba-an-mu4
- 342gal5-la2-e-ne kug dinana-ra gu3 mu-na-de2-e
- 343dinana iri-zu-ce3 jen-ba e-ne ga-ba-ab-tum2-mu-un-de3-en
- 344kug dinana-ke4 gal5-la2-e-ne mu-na-ni-ib-gi4-gi4
- 345dlu2-lal3 zag ed2-a a2 zid-da gab2-bu-ju10 us2-sa
- 346e-ne ta-gin7 nam-ma-ra-ab-ze2-ej3-en-ze2-en
- 347ga-e-re7-de3-en jichachur gul-la edin kul-aba4ki-ce3 [ga-an-ci-re7-en-de3-en]
- 348jichachur gul-la edin kul-aba4ki-ce3 jiri3-ni-ce3 ba-e-re7re-ec
- 349ddumu-zid tug2 mah-a i-im-mu4 mah-a dur2-a dur2 im-ma-jar
- 350gal5-la2-e-ne hac4-a-na i-im-dab5-be2-ec
- 351dugcakir 7-e ga mu-un-de2-ec-am3
- 3527-am3 X-TU-ra-gin7 saj mu-un-da-sig3-ge-ne
- 353sipad-de3 gi-gid2 gi-di-da igi-ni cu /nu\ -mu-un-tag-ge-ne
- 354igi mu-un-ci-in-bar igi uc2-a-ka
- 355inim i-ne-ne inim lipic gig-ga
- 356gu3 i-ne-de2 gu3 nam-tag-tag-ga
- 357en3-ce3 tum3-mu-an-ze2-en

358kug dinana-ke4 su8-ba ddumu-zid-da cu-ne-ne-a in-na-cum2

359lu2 e-ne lu2 mu-un-ne-re7-ec-am3

360lu2 ddumu-zid mu-un-ci-re7-ec-am3

361u2 nu-zu-me-ec a nu-zu-me-ec

362zid2 dub-dub-ba nu-gu7-me-ec

363a bal-bal-a nu-na8-na8-me-ec

364ur2 dam nij2-dug3-ge-ec2 nu-sig9-ge-ec

365dumu nij2-ku7-ku7-da ne nu-su-ub-me-ec

366dumu lu2 du10-ub-ta ba-ra-an-zig3-ge-ec

367e2-gi4-a e2 ucbar-ra-ka um-ta-an-ed2-ec

368ddumu-zid-de3 er2 im-da-pad3 sig7-sig7 i3-ja2-ja2

369juruc-e dutu-ra an-ce3 cu-ni ba-an-na-zig3

370dutu murum5-ju10-me-en je26-e mussa-zu-me-en

371e2 ama-zu-ce3 i3 gur3-ru-me-en

372e2 dnin-gal-ce3 ga gur3-ru-me-en

373cu-ju10 cu muc-a u3-mu-ni-in-cum2

374jiri3-ju10 jiri3 muc-a u3-mu-ni-in-cum2

375gal5-la2-ju10 ga-ba-da-kar nam-mu-un-ha-za-ne

376[dutu a igi-na] cu ba-an-ci-in-tij4

(1 ms. adds 1 line:

376A[gal5-la-e-ne] nu-ha-[ha-ne])

377[cu-ni cu] muc-a mu-e-ni-cum2

378[jiri3-ni] jiri3 muc-a mu-e-ni-cum2

379[gal5-la2]-e-ne ba-ni-kar

(1 ms. adds 1 line:

379A[... muc] saj-kal 1-gin7)

380[... ba-ni]-in-dab5-be2-ec-a

381[...]-/be2?\

382[...]-/ec\

383kug dinana-/ke4?\ [...]ni cag4-ga-ni nam-DU

- 384kug dinana-ke4 mu-ud-na-ni ir3 gig i3-ce8-ce8
- 385[kug dinana-ke4 ...] [d]/dumu-zid-de3\ [(X)] cag4-ga-ni nam-[DU (...)]
- 386[...] dam-ni [(X X)] a2-na [...]
- 387[...] -ni [(X X)] X [...]
- 388[...] -gin7 im-mi-[...] /im\ -mi-X- [...]
- 389u2numun2 i3-bu-re u2numun2 i3-ze2-e
- 390dam lu2 ur2-zu-ne-ne [nu2]-a me dam kal-la-ju10
- 391dumu lu2 ur2-zu-ne-ne nu2-a me dumu kal-la-ju10
- 392[me-am3] [mu-lu]-/ju10\ me-am3 mu-un-KAxX-e
- 393[me-am3] [mu-lu]-/ju10\ me-am3 mu-un-TAG.TAG X-e
- 394[num-e kug] dinana-ra gu3 mu-/na\ -de2-e
- 395[je26-e ki] /lu2?\ -zu ga-mu-re-[pad3] a-na-am3 nig2-ba-ju10-um
- 396[kug] [dinana]-ke4 num-e mu-na-ni-ib-gi4-gi4
- 397[za-e ki mu-lu-ju10] ba-ab-pad3-de3-en nij2-ba a-ra-ba-e
- 398[...] /ga\ -mu-un-dul-dul
- 399num-e /kug\ dinana-ke4 im-ma-an- [...]
- 400ki-sikil dinana-ke4 num-e nam mu-ni-ib2\ -tar-re
- 401e2 kac-a-/ka\ zabar jir3-cur2?-a-ke4 hu-mu-ra-[X X]-a-ze2-[(X)]
- 402du5-mu /lu2\ kug zu-ke4-ne-gin7 nam-X- [...]
- 403[i3-ne-ec nam]-tar-ra dinana-ke4 ur5 he2-/en\ -na-[nam-ma-am3]
- 404[...] er2 im-/ce8\ -ce8
- 405nin9? im-ma-jen cu-ce3 mu-da-ab-si
- 406i3-ne-ce3 me-le-e-a (X) X-/ju10\
- 407/za-e\ mu sa9-am3 nin9-zu mu sa9-am3
- 408ud za-e al di-di-e ud-bi he2-tuc-[e]
- 409ud nin9-zu al di-di-e ud-bi he2-bur2-[e]
- 410kug dinana-ke4 ddumu-zid saj-bi-ce3 X X bi2-in-cum2-/cum2\ -[mu]
- 411kug derec-ki-gal-la-ke4
- 412za3-mi2-zu dug3-ga-am3

